



Novas notícias de
Maria de Nazaré



Valdir Taffarello
(Organizador)

GRUPO ESPÍRITA CRISTÃO

IRMÃOS DO CAMINHO

NOVAS NOTÍCIAS
DE MARIA DE NAZARÉ



Todos os direitos reservados ao Grupo Espírita Cristão Irmãos do Caminho, que detém os direitos autorais da obra para a Língua Portuguesa.

O texto aqui reproduzido é uma obra de autoria e responsabilidade de seu autor e não representa, necessariamente, a opinião da Editora.

É permitida a reprodução total ou parcial desta obra sem a prévia autorização por escrito do editor ou do autor.

Jundiaí, SP, novembro de 2018.

Editor Responsável:	Márcio Martelli
Editor Assistente:	Said Forhat
Revisão Gramatical:	Valdir Taffarello
Pintura da Capa:	Cláudia Baptista de Araújo Porto

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Taffarello, Valdir (org.)

Novas notícias de Maria de Nazaré / Valdir Taffarello (org.)

-- Jundiaí, SP : Editora In House, 2017.

ISBN 978-85-7899-578-2

1. Parapsicologia, ocultismo e espiritismo. I. Título.

CDD – 130

Índices para catálogo sistemático:

1. Parapsicologia, ocultismo e espiritismo 130



editorainhouse

EDITORA IN HOUSE

www.editorainhouse.com.br | inhouse@terra.com.br

Curta nossa página no Facebook: Editora In House

Fones: (11) 4607-8747 / 99903-7599

Visite nossa loja virtual: www.livrariainhouse.com

Amiga, Amigo.

Que a paz de Nosso
Senhor Jesus Cristo
se faça em seu ,
hoje e por todo o
sempre.

Pego a Deus que
estas novas notícias
de Maria de Nazaré
possam chegar ao
seu .

Jundiaí





À guisa de introdução

Maria de Nazaré

Todas as religiões cristãs reverenciam, com extremo carinho e profunda gratidão, a figura ímpar de Maria de Nazaré, a sublime mãe de Jesus.

No Espiritismo – doutrina que se assenta em bases científicas, filosóficas e religiosas, sendo que, nesta última, como Cristianismo redivivo, caracteriza o Consolador prometido por Jesus – também aprendemos a reconhecer em Maria uma Entidade evoluidíssima, que já havia conquistado, há dois mil anos, elevadas virtudes, tornando-se apta a desempenhar na crosta terrestre tão elevada missão, recebendo em seus braços o Emissário de Deus que se fez menino para se transformar “no modelo da perfeição moral que a Humanidade pode pretender sobre a Terra”.

Além do que se conhece nas antigas tradições religiosas, especial-

mente no Novo Testamento, encontramos na literatura espírita outros importantes dados biográficos da Maria, que vieram até nós por via mediúnica, naturalmente extraídos de arquivos fidedignos do Mundo Espiritual, revelando-nos que ela continua até hoje zelando com muito carinho pela Humanidade terrestre, encarnada e desencarnada.

Humberto de Campos e Maria de Nazaré

O Espírito de Humberto de Campos narra, num de seus livros, a importante visita que Isabel e seu filho João Batista fizeram ao lar de Jesus, em Nazaré, proporcionando o encontro de duas crianças que revolucionariam o Mundo... O diálogo entre as duas primas é muito significativo, revelando-se preparadas para a sublime tarefa.

“O que me espanta – dizia Isabel com carinhoso sorriso – é o temperamento de João, dado às mais fundas meditações, apesar da sua pouca idade. (...)”

“Essas crianças, a meu ver – respondeu-lhe Maria, intensificando o brilho suave de seus olhos, – trazem para a Humanidade a luz divina de um caminho novo. Meu filho também é assim, envolvendo-me o coração numa atmosfera de incessantes cuidados. Por vezes, vou encontrá-lo a sós, junto das águas, e, de outras, em conversação profunda com os viajantes que demandam a Samaria ou as aldeias mais distantes, nas adjacências do lago. Quase sempre, surpreendo-lhe a palavra caridosa que dirige às lavadeiras, aos transeuntes, aos mendigos sofredores... Fala de sua comunhão com Deus com uma eloquência que nunca encontrei nas observações dos nossos doutores e, constantemente, ando a cismar, em relação ao seu destino”.

Humberto de Campos ainda relata a desencarnação de Maria, assis-

tida por Jesus. Ao libertar-se do vaso físico, ela desejou, primeiramente, rever a Galileia e logo em seguida visitou cárceres sombrios de Roma, repletos de discípulos do Mestre que aguardavam a morte certa, quando lhes infundiu a força da Galileia cristã, transmitindo a seguinte sugestão a uma jovem encarcerada:

“Canta, minha filha! Tenhamos bom ânimo!... Convertamos as nossas dores da Terra em alegrias para o Céu!...”

(...) Logo, a caravana majestosa conduziu ao Reino do Mestre a bendita entre as mulheres e, desde esse dia, nos tormentos mais duros, os discípulos de Jesus têm cantado na Terra, exprimindo o seu bom ânimo e a sua alegria, guardando a suave herança de nossa Mãe Santíssima.

Maria Dolores e Maria de Nazaré

Em belíssima e comovente poesia, intitulada “Retrato de Mãe”, Maria Dolores descreve a assistência maternal e efetiva prestada pelo Espírito de Maria a Judas, que se encontrava em região umbralina, cego e solitário, muito tempo depois da crucificação do Mestre.

No final do diálogo com o discípulo suicida, em grande sofrimento, preso a terrível remorso, a benfeitora convence-o argumentando com profundo amor:

*“Amo-te, filho meu, amo-te e quero ver-te,
de novo, a vida Maravilhosamente revestida
De paz e luz, de fé e elevação..
Virás comigo à Terra,
Perderás, pouco a pouco, o ânimo violento,
Terás o coração
Nas águas de bendito esquecimento
Numa nova existência de esperança,
Levar-te-ei comigo
A remansoso abrigo,
Dar-te-ei outra mãe! Pensa e descansa!..
E Judas, neste instante,
Como quem olvidasse a própria dor gigante
Ou como quem se desagarra
De pesadelo atroz,
Perguntou: – quem sois vós
Que me falais assim, sabendo-me traidor?
Sois divina mulher, irradiando amor
ou anjo celestial de quem pressinto a luz?!..
No entanto, ela a fitá-lo, frente a frente,
Respondeu simplesmente:
– Meu filho, eu sou Maria, sou a mãe de Jesus”*

Livro Memórias de um suicida

No livro mediúnico **Memórias de um Suicida** inteiramo-nos da notável e completa assistência aos suicidas em profundo sofrimento no Além , pela Legião dos Servos de Maria, *“chefiada pelo grande Espírito Maria de Nazaré, ser angélico e sublime que na Terra mereceu a missão honrosa de seguir, com solitudes maternas. Aquele que foi o redentor dos homens!”*

Um setor muito importante da assistência aos suicidas é a Cidade Universitária, que abriga as entidades com alta do Departamento Hospitalar e, naturalmente, aptas para frequentá-la. O diretor dessa Cidade, Irmão Sóstenes ao receber um novo grupo de aprendizes, assim explicou-lhes a sua origem:

“Maria, sob o beneplácito de seu Augusto Filho, ordenou sua criação para que vos fosse proporcionada ocasião de preparativos honrosos para a reabilitação indispensável. Encontrareis no seu amor de mãe sustentáculo sublime para vencers o negror dos erros que vos afastaram das pegadas do Grande Mestre a quem deveis antes amor e obediência! Espero que sabereis compreender com inteligência as vossas próprias necessidades...”

Ao apresentar o destacado educador Aníbal de Silas aos novos alunos, irmão Sóstenes prestou-lhes importante informação nestes termos:

“(...)É que Aníbal vinha sendo, para isso, preparado desde eras afastadas! (...)...Até que um dia glorioso para seu espírito de servo fiel e amoroso, ordem direta desceu das altas esferas de luz, como graça concedida por tantos séculos de abnegação e amor

- Vai, Aníbal...e dá dos teus labores à Legião de Minha Mãe com Meus

ensinamentos, que tanto prezas os que mais destituídos de luzes e de forças encontrases, confiados aos teus cuidados... Pensa, de preferência, naqueles cujas mentes hão desfalecido sob as penalidades do suicídio ... Entreguei-os, de há muito, à direção de Minha Mãe, porque só a inspiração maternal será bastante caridosa para erguê-los para Deus!..."

Retrato de Maria de Nazaré

Tomamos conhecimento de um novo quadro de Maria, a Mãe de Jesus, divulgado num programa da TV Record, de São Paulo, com a presença de Francisco Cândido Xavier, procuramos esse médium amigo para colher dele maiores esclarecimentos sobre a origem do mesmo. Contou-nos, então, Chico Xavier, no final da reunião pública do Grupo Espírita da Prece, em Uberaba, na noite de 1º de dezembro de 1984, que com vistas às homenagens do Dia das Mães de 1984, o Espírito de Emmanuel ditou, por ele, um retrato falado de Maria de Nazaré ao fotógrafo Vicente Avela, de São Paulo.

Esse trabalho artístico foi sendo realizado aos poucos, desde meados de 1983, com retoques sucessivos realizados pela grande habilidade de Vicente, em mais de vinte contatos com o médium mineiro, na Capital paulista.

Em nossa rápida entrevista, Chico frisou que a fisionomia de Maria assim retratada, revela tal qual Ela é conhecida quando de Suas visitas às esferas espirituais mais próximas e perturbadas da crosta terrestre; como por exemplo, disse-nos ele, na Legião dos Servos de Maria, grande instituição de amparo aos suicidas descrita detalhadamente no livro Memórias de um Suicida, recebido mediunicamente por Yvonne A. Pereira.



(Anuário Espírita 1986)

Cornélio Pires e Maria de Nazaré

Cornélio Pires nasceu na cidade de Tietê, estado de São Paulo, no dia 13 de julho de 1884.

Homem de personalidade inconfundível, tornou-se figura popular e de bastante destaque em todo o Brasil, graças ao trabalho de viajar pelas cidades do interior do estado de São Paulo e outros estados, estreou uma condição de caipira humorista.

No início do século XX, durante as suas viagens ao Interior, aconteceram com ele vários fenômenos mediúnicos, inclusive algumas comunicações do Espírito Emílio de Menezes, as quais muito o impressionaram.

Como consequência, ele passou a estudar obras espíritas, principalmente, as de Allan Kardec, Leon Denis, Albert de Rochas e alguns livros psicografados pelo médium Francisco Cândido Xavier.

Dali em diante integrou-se decididamente no Espiritismo, interessou-se muito pelos fenômenos de efeitos físicos. Entre os anos de 1944 a 1947, escreveu os livros: *Coisas do Outro Mundo e Onde estás, ó morte?*, desencarnou em 1958, na cidade de São Paulo, enquanto escrevia.

Por intermédio de Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira, escreveu o livro: *O Espírito de Cornélio Pires: antologia poética*, publicada pela FEB Editora.

Em 21 de fevereiro de 1998, no Grupo Espirita da Prece, na cidade de Uberaba, trouxe-nos uma poesia pela mediunidade de Francisco Cândido Xavier que nos fala a respeito de Maria de Nazaré com muito carinho.

Nossa mãe

*Certa mulher existe em nosso mundo,
Anjo do nosso pão de cada dia,
Ela foi ver-me quando eu mais sofria,
Inspirada no Amor puro e profundo.*

*Desejo retratá-la e me confundo,
A palavra terrestre não me guia.
“Veio estender-me luz e a dor fugia...
Ao lembrá-la, de bênçãos me circundo”.*

*Levantei-me e indaguei: - Ah! Quem seria?
Alguém na Terra que eu não conhecia?
Sei que era um Anjo em estrelas de Luz!...*

*Um mendigo me disse: - Era Maria...
Céus!... Eu vira a Nossa Mãe e não sabia.
Era sim, Nossa Mãe, Mãe de Jesus!...*

Cornélio Pires

Chico Xavier e Maria de Nazaré

O médium mineiro Francisco Cândido Xavier contou que, num de seus dias de profunda amargura, solicitou ao benfeitor espiritual que levasse o seu pedido de socorro a Maria de Nazaré, para que ela o consolasse, já que seus problemas eram graves.

Após alguns dias, o benfeitor retornou dizendo-se portador de um recado da mãe de Jesus.

Chico imediatamente pegou papel e lápis e colocou-se na posição de anotar: *“Pode falar, tomarei nota de cada palavra.”*

Emmanuel, benfeitor atencioso, lhe falou: *“Anoté aí, Chico. Maria me pediu para que trouxesse o seguinte recado:*

“Isso também passará. Ponto final.”

Chico tomou nota rapidamente e perguntou ao benfeitor: *“Só isso?”*

E ele respondeu: *“É, Chico. A Mãe Santíssima pediu para lhe dizer que isso também passará.”*

Depois disso, Chico Xavier costumava ter em cima de sua cama uma placa com os dizeres **“ISSO TAMBÉM PASSA!”**

Perguntaram a ele o motivo... Ele disse que era para que quando estivesse passando por momentos ruins, lembrar-se de que eles iriam embora, que iriam passar, e que ele estava vivendo aquilo por algum motivo.

Mas a placa também era para lembrá-lo de que quando estivesse muito feliz, ele não deveria deixar tudo para trás e se deixar levar, porque esses momentos de euforia também iriam passar, e momentos difíceis viriam novamente.

Algumas palavras iniciais

Este livro nasceu no nosso desejo de agradecer o amparo e a proteção que Maria de Nazaré dedica amorosamente a toda a humanidade.

Pelas notícias que nos chegam da espiritualidade, ela não viveu apenas há dois mil anos, quando teve a sublime tarefa da maternidade de Nosso Senhor Jesus Cristo. Sabemos agora que ela continua participando da vida de todos aqueles que habitam o planeta que vivemos, irradiando o seu amor e o seu amparo a todos.

Também nós, do Grupo Espírita Cristão Irmãos do Caminho, recebemos algumas novas notícias de suas atividades. Assim como cremos que muitos outros agrupamentos espirituais o tenham recebido, como incentivo ao prosseguimento nas tarefas em nome de Jesus.

Um dia aprendemos que o Espiritismo não tem dono, pois as mensagens dos espíritos são dirigidas a toda a humanidade. Com este aprendizado, cremos que estas novas notícias não pertencem a um grupo reduzido de pessoas em um pequenino grupo espírita do interior de São Paulo, mas sim pertencem a toda a humanidade. Pertencem a todas as pessoas que dedicarem alguns minutos de sua vida a ler e meditar nestes ensinamentos.

Portanto, nosso desejo de agradecer se materializa transmitindo as Novas Notícias de Maria de Nazaré a todos aqueles que necessitam renovar a esperança em seus corações, a todos aqueles que necessitam renovar a confiança de que há, bem próximo a nós, espíritos que amparam e protegem a nossa existência terrena.

Jundiaí, outubro de 2018.

Valdir Taffarello

Sumário

A presença da mulher no Evangelho	21
Benditos esse momentos do Evangelho.	23
Historinha da mãe de Jesus	25
Negra Maria	27
Negra Joana.	29
Prece à Mãe Santíssima	32
Maria, com o coração aflito	33
A Caridade é a continuação de Jesus	35
Recado a um palestrante espírita	37
Maria de Nazaré cuida pessoalmente destas preces	39
Corria o ano de 1939....	41
Um pedido da Jussara aos corações cristãos	44
Outro recado a um palestrante espírita.	46
A capelinha do senhor Eduardo no séc. XIX	47
Recordar o período da gravidez de Maria de Nazaré	51
Prece a Maria de Nazaré	53
Recado de Maria de Nazaré	54
Carta de Maria de Nazaré	56
A visita a um Centro Espírita	60
Seu Lito e a Senhora Doutora.	63
Senhora do meu coração, o que posso lhe oferecer?	67
Outra peripécia de uma amiga espiritual.	69
O que você deseja que eu te fale?	72
Maria de Nazaré, este é o nome que escolhi	74

Minhas meditações sobre o nascer de novo	76
Sir Geofrei e a conversão	79
Sir Geofrei e a necessidade essencial	82
Sir Geofrei e o despertar do sono	85
Sir Geofrei e o Cireneu	88
Sir Geofrei e o madeiro seco	90
Sir Geofrei e o perdão.	93
Sir Geofrei e o paraíso.	96
Sir Geofrei e Maria de Nazaré.	99
Sir Geofrei e as sementes do Evangelho	102
Trizzia e a Senhora de Nazaré	104
O casamento de Anabele	105
Meu pensamento se dirigia a Maria de Nazaré	107
Lembre-se de sorrir também com a alma	109
Maria me mostrou o amor	111
Jesus confia infinitamente na humanidade.	112
A rosa de Maria	113
O coração de Maria pede passagem	114

*Novas notícias de
Maria de Nazaré*



A presença da mulher no Evangelho

05/02/1994

Filhinhos do meu coração.

Que a paz de Nosso Senhor Jesus Cristo se faça em seus corações, hoje e sempre.

Bem-aventurados estes poucos minutos que os filhos dedicam aos ensinamentos de amor de Jesus, porque esses minutinhos se farão em luz no coração e na mente de cada filho por toda a eternidade.

Quando vemos a lição formosa que nos fala da presença da mulher no evangelho, como não recordar daquela por quem os espíritos do Senhor se curvaram dizendo: *“Bendita és tu entre as mulheres”*?

Como não recordar daquela que carregou em seu ventre Aquele que traria os ensinamentos de redenção para toda a humanidade?

Como não recordar daquela que ouvia tantas e tantas profecias a respeito daquela criança e sem nem mesmo compreender, se perguntava: *“É meu filho, Senhor. Como será o seu futuro?”*

Como não recordar daquela que se aproximou da cruz, com o coração em sofrimento, para ver seu filho nos momentos finais de vida? Naquela hora, Maria venceu todos os temores e se aproximou de Jesus para receber as suas bênçãos.

Como não recordar daquela que, compreendendo os ensinamentos de Jesus, tomou como norma para sua vida, atender as palavras de seu filho: *“Vinde a mim, vós que estais aflitos e desconsolados, que Eu vos aliviarei”*?

Ao término de sua vida, Maria recebia, junto de João, muitos aflitos que os buscavam, e lhes falava da vida de Jesus, de suas recordações e com isto consolava a muitos. Tanto que, ainda hoje, passados dois mil anos, a humanidade, quando se encontra aflita e desconsolada, pede o seu socorro e ela atende a todos os pedidos que lhe são endereçados, sem fazer restrição nenhuma, porque recorda ela sempre das palavras de Jesus: *“Vinde a mim, vós que estais aflitos e desconsolados, que Eu vos aliviarei”*?

Uma plêiade de espíritos atende espontaneamente ao seu chamado e leva o socorro aos aflitos, ainda hoje, em todos os locais do planeta, seja uma simples palhoça ou um palácio, seja onde se reúnem muitas pessoas, ou apenas dois ou três. Maria atende a todos indistintamente, levando a consolação e a bênção cada um que lhes pede socorro.

E, para continuar esta tarefa, ainda hoje, o coração de Maria se estende a todos, encarnados e desencarnados, principalmente ao filhinho que em espírito já começa a andar por si próprio, pedindo-lhe: *“Meu amigo, meu filho pede para que você seja também um seu trabalhador para estender o socorro àqueles que se encontram em aflição, ajudando a fazer cumprir a sua promessa: Vinde a mim, vós que estais aflitos e desconsolados, que Eu vos aliviarei.”*

Estas palavras, Maria de Nazaré endereça a toda a humanidade, em todos os instantes, através de meios que ainda não compreendemos. Feliz aquele que ouve estas palavras, trabalhando, trabalhando e trabalhando em favor de seu próximo, para cumprir a promessa de Nosso Senhor Jesus Cristo: *“Vinde a mim, vós que estais aflitos e desconsolados, que Eu vos aliviarei.”*

Amadeus

Benditos esse momentos do Evangelho

21/03/1998

Filhinhos do meu coração. Bem-aventurados sejam os minutos em que os filhos se dedicam ao Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Benditos esses momentos em que os filhos se propõem a falar sobre os ensinamentos do Cristo.

Benditos esses momentos em que o passe se faz presente.

Benditos esses momentos em que a atenção de ouvir o que se fala sobre Jesus se faz presente no coração de cada filho.

Benditos esses momentos, porque eles indicam a cada um o caminho que se faz necessário para conquistar a paz.

Há quase dois mil anos, uns dias antes de Jesus iniciar as tarefas em público, Ele, Maria e os discípulos participavam da celebração de um casamento na cidade de Canaã. Nela, em meio à festa, houve falta de vinho e, dirigindo-se à Maria, perguntaram: *“Não tem vinho; que faremos?”*.

Maria, olhando para o Filho e sabendo o que Ele podia fazer em favor da Humanidade, respondeu-lhes: *“Fazei tudo o que Ele vos disser”*.

Esses serventes, dirigindo-se a Jesus, indagaram-lhe: *“O que fazemos?”*.

Jesus pediu que enchessem os cântaros de água e os levassem. Eles os

encheram e os levaram ao que comandava a cerimônia e este provando do vinho disse: *“Todos os que promovem bodas, dão antes do vinho melhor, mas este fez o contrário, deixou o vinho melhor para o final...”*.

Quando aos filhos, em muitos momentos de nossa vida, quando a angústia bater em nosso coração, ou por imprevidência, nos encontrarmos desamparados, nos dirijamos à Maria: *“Mãe, o que fazemos nesta hora?”*

E ela, novamente, com o amor imenso que nos tem, nos recomendará: *“Fazei tudo o que Ele vos disser”*.

Ela tem certeza em seu coração de que, se fizermos o que Ele nos mandar, encontraremos a solução para o que nos aflige.

E são nesses momentos do Evangelho que ouviremos o que Jesus quer para conquistarmos a paz em nossos corações.

Lembremo-nos, assim, sempre da orientação de Maria: *“Fazei tudo como Ele vos disser ...”*.

Amadeus

Historinha da mãe de Jesus

15/07/2000

A mãe de Jesus, embora sentisse desde cedo que seu filho fugia ao seu domínio, ainda assim fazia a paz e a confiança no coração. Os dias passavam e Jesus crescia em obras e sabedoria, e cada vez surgiam mais dificuldades, que Jesus bem sabia sobrepor. O Ontem havia ensinado a Jesus que o Hoje viria mesmo a contragosto, e que a sua luta não seria vã.

Porém, coração de mãe, ao mesmo tempo que se alegra, também chora. O Seu Filho, enviado do Pai (sabia ela), ainda iria trazer muitas alegrias para o seu coração. E assim se fez. Jesus, por onde passou derramou a sua bênção de luz, de paz e de alegria.

Porém Maria, muitas vezes, se deixava levar pelas preocupações com o futuro da vida do seu precioso filho. Mas Maria aprendeu que com os ensinamentos que Seu Filho trazia e que suscitava a alegria da multidão e o ódio de poucos, poderia assim continuar a ter fé, a não perder a esperança por aquilo que desejava seu coração.

O dia triste para Maria chegou, mas aos poucos o seu coração foi se apaziguando, nas lembranças dos ensinamentos e da obra de Seu Filho. Quando sentiu que aquilo que Jesus deixou (o seu exemplo) era o bem mais precioso da Terra, então teve a paz e a certeza de que sua missão de mãe for a cumprida.

Assim, passou o resto dos seus dias a trabalhar na obra dos discípulos

de seu filho, pois a cada trabalho feito, voltava ao seu coração a mesma alegria, de quando estava com Seu Filho ainda nos braços.

Para o seu coração, esta bênção foi o que bastou.

Os ensinamentos daquele que um dia acalentara nos braços agora eram maiores, mas muito maiores do que podia imaginar.

Hoje Maria sabe que o que a levou ao fim de sua existência em paz foi a ajuda que recebeu do alto, e também pela contribuição na obra em nome de Jesus.

Vamos lembrar que, como Maria, nós também temos e teremos muitas preocupações e também lutas internas a serem vencidas contra aquele homem velho que existe dentro de nós.

A esperança acalentou Maria na certeza de reencontrar Seu Filho. Também para nós, a esperança de encontrar o Pai deve nos sustentar os dias, ainda que sejam de lágrimas.

Que o coração de Maria abençoe a todos.

Negra Maria

18/05/2002

A tarefa da negra Maria era a da limpeza da casa grande. A Sinhá não gostava de ver a terra ou a poeira dentro da casa, principalmente no quarto de orações.

O Sinhô e a Sinhá, junto com os sinhozinhos, todos os dias iam ao quarto de orações e faziam suas preces a Jesus e a Maria, mãe de Jesus.

A negra Maria se entristecia quando ouvia eles agradecerem à Mãe do Céu pelas bênçãos que eles recebiam. E naquele dia a tristeza se fez ainda maior e ela ficou a pensar: *“Meu Deus, como é que pode eles terem duas mães, uma na Terra e outra no Céu e eu não ter nenhuma? Será que é porque eles são ricos que podem ter duas mães e eu que sou escrava e pobre não tenho nenhuma?”*.

Estes pensamentos tomaram conta da mente da negra Maria e junto com eles chegou a noite e a reunião à volta da fogueira.

Mas, para Maria parecia que nada estava acontecendo, só estava a tentar responder as perguntas que se faziam em sua mente.

Mas as negras, durante a reunião à volta da fogueira, se puseram a cantar e a dançar ao ritmo do canto.

Maria começou a prestar atenção ao canto e à dança. Começou a olhar a dança e ouvir os cantos e sua mente foi girando e girando.

E de repente ela se viu levada a um bosque diferente, onde as flores faziam luz para clarear a noite e as árvores pareciam que cantavam quando o vento passava por suas folhas.

Maria viu aquela mulher que a esperava com os braços abertos, como se estivesse esperando para abraçá-la.

Sem conseguir opor nenhuma resistência e sem sequer conseguir se indagar o que estava acontecendo, Maria se aconchegou naquele abraço amoroso e começou a ouvir o que Ela lhe falava:

“Minha filha querida. Eu ouvi tuas súplicas, pedindo pela minha presença junto às tuas amarguras, assim como tenho ouvido tantos e tantos que me pedem para estar junto a eles para ampará-los.

Nesta hora lembrei-me do momento em que Meu Filho foi levado à cruz.

Confesso que naquele momento eu não compreendia como aquilo se tornara possível de acontecer, mas quando indaguei ao meu coração sobre isso, ouvi Meu Filho a dizer: “Pai, perdoa-os porque não sabem o que fazem”. E então compreendi o quanto Meu Filho ama a toda a Humanidade.

Compreendi também que eu tinha necessidade de corresponder a este amor e à confiança que as pessoas têm na minha pessoa.

Mas eu necessito de ajuda.

Estou aqui para te pedir, minha filha querida, estende o teu amor de mãe àqueles que ainda não compreendem; ensina, principalmente aos pequeninos, a amar Meu Filho como Ele nos ama.

Enquanto estiveres nesta tarefa de amor à Humanidade, tenha a certeza absoluta que eu também estarei contigo, pois juntos poderemos estender este amor de mãe àqueles que necessitam”.

E Maria, guardando na memória palavra a palavra que tinha ouvido, retornou a ouvir e ver o canto e o dançar das negras. Mas, com lágrimas nos olhos compreendeu que não é a riqueza que aproxima alguém da Mãe que está nos Céus, mas é no coração que podemos sentir o amor que Ela nos traz.

(Do livro: Reuniões à volta da fogueira)

Negra Joana

15/06/2002

Quando a Negra Joana foi chamada à Casa Grande para uma conversa com a Sinhá e com o Sinhô, ela começou a tentar imaginar porque estava sendo chamada.

Lembrou-se de que tinha ficado “de barriga” quase que ao mesmo tempo que a Sinhá. O seu negrinho tinha nascido alguns dias antes do que o sinhozinho.

E agora, passadas pouco mais de duas semanas do nascimento do sinhozinho, ela estava sendo chamada para uma conversa.

Assim que chegou, a Sinhá pediu que ela se sentasse em uma cadeira e começou a lhe falar: *“Joana, eu tenho que lhe pedir uma grande tarefa que só você pode fazer por mim. Meu leite secou e eu não posso alimentar meu filhinho. O médico já veio e falou que nada pode ser feito, a não ser encontrar uma ama-de-leite para o pequeno”*.

E Joana compreendeu de imediato que o pedido era, na verdade, uma ordem. E ela não tinha como falar não.

Mas, retornando à senzala, muitas dúvidas vinham à sua mente: *“Como vou alimentar duas crianças se o meu próprio leite mal dá para o meu negrinho? Como poderei amamentar um branco? Não somos tão diferentes um do outro?”*.

E, compreendendo que teria que alimentar primeiro o filho da Sinhá

e só depois o seu negrinho, ficou a pensar que o seu pequeno ia ficar sem alimento.

E com esses pensamentos ela foi à reunião à volta da fogueira naquela noite.

OuvIU várias vezes sobre a necessidade de confiar em Deus e da necessidade que cada um faça a sua parte para que Deus possa fazer a dEle.

Mas, nada disso respondia às dúvidas mais íntimas que Joana trazia no coração.

De volta à sua cama, adormeceu e se sentiu levada, em um sonho inesquecível, a um lugar onde havia uma fila de gente para conversar com um velhinho, o qual tinha ao seu lado uma senhora, muito simpática, sentada em um banco.

E esta senhora, olhando para Joana, lhe fez sinal para que ela saísse da fila e fosse se sentar ao lado dela.

Mas Joana, não conseguindo entender direito o que se passava, permaneceu na fila e perguntou a um homem à sua frente: *“Quem são eles? Quem é este velhinho que está conversando com cada um que se aproxima?”*.

E o homem lhe explicou: *“É João, o discípulo amado de Jesus. E aquela senhora sentada ao lado dele é Maria, a mãe de Jesus. Mas, olhe, ela está chamando você para ir sentar ao lado dela. Vai lá ver o que é”*.

E Joana, agora entendendo que era com ela mesmo o aceno, se aproximou, passou ao lado de João que a cumprimentou com um sorriso amoroso e sentou-se ao lado de Maria e começou a ouvir o que ela lhe falava:

“Minha filha. Quando Meu Filho foi levado à cruz, Ele me pediu para receber este outro como se fosse também meu filho.

Em princípio também não compreendi o pedido de Jesus, porque João não é nascido de meu ventre. Mas, com o tempo compreendi que nós, mães, não somos mães apenas das crianças que nascem de nosso próprio corpo, mas somos mães de todos aqueles a quem amamos em nossos corações.

Hoje compreendo que, não só João, mas também todos os necessitados que veem em busca de sua palavra, são também meus filhos e a todos eu devo o meu amor de mãe.

Eu sei o que lhe foi pedido e suas dúvidas chegaram até mim como uma prece pedindo auxílio e eu lhe garanto que você encontrará forças no amparo Divino para cumprir sua tarefa, desde que você a faça com amor.

Não se preocupe com a cor da pele ou com a diferença da riqueza, pois todos, indistintamente, são filhos do mesmo Pai, que zela por todos, amorosamente.

Vai e cumpre a tua tarefa, pois eu estarei contigo sempre que necessitar, pois a tarefa de ser mãe já é uma das mais sublimes tarefas da Terra. E ser mãe do filho de outros é ainda mais sublime”.

E Joana, neste momento, despertou banhada em lágrimas.

E neste instante compreendeu que teria forças para alimentar o sinhozinho e o seu negrinho e ao longo de toda sua existência, sob a lembrança deste sonho que tivera. Aprendeu a amar cada vez mais a todos que dela se aproximaram, brancos ou negros, ricos ou escravos, ao ponto de ser tratada, até quando já era bem velhinha, como Mãe Joana, até mesmo pelo Sinhô e pela Sinhá.

(Do livro: Reuniões à volta da fogueira)

Prece à Mãe Santíssima

11/01/2003

[Em 11 de janeiro de 2003, no conjunto de mensagens que compõe as “Reuniões à volta da fogueira”, foi-nos contada a história do padre Josefo. Naquela ocasião ele esteve presente no Centro e nos deixou também uma prece endereçada a Maria de Nazaré.]

Mãe Santíssima.

Estende o manto da tua misericórdia para aliviar a dor dos desafortunados da vida.

Estende o manto da tua compaixão para tocar os corações de todos os que podem ajudar.

Estende o manto do teu amor envolvendo a todos os que já conhecem teu filho, para que possam encontrar forças de seguir os seus ensinamentos.

Mãe Santíssima, ensina-nos a ajudar ao nosso próximo sem esperarmos ser ajudados.

Ensina-nos a esquecermos de nós mesmos para aliviar a dor daqueles que estão ao nosso lado.

Ajuda-nos, Mãe Santíssima, a termos para o nosso próximo o mesmo amor que teu filho tem por nós.

Padre Josefo.

Maria, com o coração aflito

19/04/2003

Maria, com o coração aflito, via Jesus na cruz, o seu filho amado que tanto ajudou a humanidade, que deu sua própria vida em favor dos aflitos.

Aquele filho que tantas vezes enxugou as lágrimas, curou enfermos, ressuscitou Lázaro, deu alegria a Zaqueu modificando o seu modo de vida.

Amparou a Madalena, transformando-a em benfeitora de todas as criaturas em erro.

Ali estava, parecia para ela, desamparado no último momento de sua existência.

Tudo fazia crer que as trevas triunfaram.

Aquele coração em desalento começou a orar pedindo ao Pai de Misericórdia que fizesse ela entender o acontecido.

Naquele momento foi ela arrebatada pelo Alto e em seus olhos desfilaram todos aqueles que foram ajudados pelo Mestre.

As crianças sorriam de alegria pela saúde restaurada. Os velhinhos cantando hosanas por terem encontrado o caminho da redenção.

Muitos homens encontrando a fé e a esperança caminhavam para a caridade.

Aos poucos, Maria foi sentindo uma paz em seu coração, não mais a Cruz em sua visão, mas sim a alegria de ter compartilhado com o filho amado as alegrias da vitória que ao futuro fora reservada.

Aos poucos, voltando para a visão da Cruz, não mais viu o seu filho, mas sim outro filho amado que naquele momento lhe falava: “*Venha, minha mãe, velarei por ti, pois o pedido do teu filho há de ser confirmado por mim. Venha, minha mãe, a tarefa nos espera, serei teu filho e serás minha mãe*”.

Neste momento, João abraçando a Maria renovaram as esperanças que até hoje é lembrada.

A Mãe Santíssima, olhando para todas as mães sofredoras, e João com seu olhar de filho, abraçando a todos os filhos que lutam para conhecer os caminhos do bem.

Jesus nos abençoe.

A Caridade

é a continuação de Jesus

08/12/2012

Após a partida de Jesus, João recebeu a incumbência de amparar Maria. E João em longas conversas com Maria, lembrava as bênçãos de Jesus à humanidade inteira, mas com mais amor, vigiava mais de perto aqueles que lhe desejavam a palavra.

Vigiava para lhes dar mais atenção, mais aconchego para que eles se tornassem mais esperançosos da vida maior.

Aos que dele ainda zombavam, João guardava o silêncio da palavra para mais tarde, pois sabia ele que o tempo seria o maior remédio. E Maria, lembrando seu filho querido disse a João: *“Filho querido, devemos agora lançar mão de todo conhecimento que tivermos para que a Caridade seja a continuação do próprio Cristo em nossos corações”*.

João pensou, pensou e também concordou em levar a palavra do Senhor a toda a humanidade.

Maria escolheu o trabalho da Caridade com os doentes e atormentados da sorte, pois que estes precisavam não só de suas palavras, mas também de suas mãos benditas. Quantas curas eram realizadas por suas mãos! Quantos leprosos receberam a cura! E quantas irmãs em penúria

enxergavam em Maria o seu anjo protetor.

A João coube a parte do Ensino com o Evangelho até o último de seus dias. Sempre, João estava a falar de Jesus por inspiração do Espírito Santo.

Já com idade avançada, Maria ainda recolhia os irmãos em penúria no seu próprio lar, afagando-lhes a cabeça. Quando já lhe faltavam forças, mas sempre auxiliando com o que ainda a vida lhe favorecia.

João também, já idoso deixava que as palavras saíssem de seu coração como estrelas benditas iluminando o Céu das Almas que desejava ouvi-lo.

Meus irmãos, Maria trabalhou até os últimos dias de suas vidas, pois que a caridade era o amor que trazia em seu coração.

E João entregou-se à caridade até as forças que lhe faltavam, mas sempre com o sorriso acompanhando as palavras. E após o desencarne continuou o seu trabalho bendito de orientação a todos que desejavam conhecer Jesus.

Amar a Jesus é trabalhar por dentro de si mesmo, conhecendo Jesus. Jesus nos abençoe.

Recado a um palestrante espírita

03/02/2013

Conta-se que em certa ocasião, um palestrante espírita de um pequenino Centro do interior foi convidado a fazer uma palestra em um Centro da Cidade Grande.

Responsabilidade aumentada.

Preocupação aumentada.

Como atender aos reclamos espirituais da solicitação, sem saber direito a quem iria dirigir a palavra?

Como cumprir bem a tarefa, pensando apenas e tão somente naquilo que a espiritualidade esperava com o convite que havia sido feito?

As lições do Livro dos Espíritos e do Evangelho segundo o Espiritismo foram informadas antecipadamente. O palestrante se pôs a estudá-las e meditar sobre elas para formar um comentário útil aos ouvintes.

Mas...

Por mais que lesse as lições, nada lhe vinha à mente como comentário a ser feito. Se pensava em algum assunto para falar, logo lhe vinham as dúvidas: *“Será que isso não é muito obvio para esta plateia? Será que não estarei falando de coisas que eles já conhecem muito melhor do que eu mesmo?”*

E assim, de dúvida em dúvida, ia descartando todas as possíveis abordagens dos temas informados.

Véspera da palestra e nada resolvido.

Orou a Deus pedindo ajuda, mas parecia que suas preces não eram ouvidas, pois nenhuma boa ideia surgia em sua mente.

Dia da palestra. Acordou entristecido por não ter nada disponível para falar. Orou com mais intensidade, mas o período do dia foi consumido com compromissos materiais que o impediram de pensar no assunto que mais o preocupava.

Chegou ao local da palestra com um vazio imenso na mente. O que fazer? O que falar? Ler as lições seria a tarefa inicial, mas depois as pessoas que ali estivessem estariam esperando uma palavra de esclarecimento sobre as lições. E ele não sabia o que falar.

Viu os minutos passarem, apreensivo.

Pouco faltava para o horário da palestra, sentou-se em um sofá um pouco afastado, pediu em oração, agora com mais intensidade, para poder falar com proveito sobre as lições e...

Para sua surpresa, um espírito sentou-se ao seu lado e disse-lhe:

– *Meu amigo. Trago-lhe um recado.*

– *Com certeza é sobre a palestra que vou fazer, não? É uma ajuda sobre o que preciso dizer?*

– *Sim, meu amigo. Seu pedido chegou ao Alto e me pediram para lhe trazer uma resposta. A orientação é esta:*

“Diga às pessoas que meu Filho ama e confia infinitamente na humanidade. Conte isso a eles, pois muitos não sabem disso. – Maria de Nazaré.”

Maria de Nazaré

cuida pessoalmente destas preces

15/06/2013

Filhos da minh'alma.

Muitos corações, quando se sentem próximos ao desespero, elevam seus pensamentos em preces endereçadas a Maria de Nazaré buscando socorro para as suas dificuldades. E o Alto Ihes responde trazendo novo alento, renovando situações e ajudando a renovação interior em direção da esperança.

Muitos corações, quando sentem o envelhecimento do corpo físico e a aproximação da mudança obrigatória que todos sabem que chegará, não tendo se preparado convenientemente para este instante, elevam o seu pensamento a Maria de Nazaré na forma de oração e recebem o amparo que solicitam.

Muitos corações, quando a doença se aproxima inibindo-Ihes as ações do corpo físico, elevam o seu pensamento a Maria de Nazaré pedindo o retorno da saúde e são atendidos, dentro dos planos Divinos para a sua existência.

Assim também em muitas outras circunstâncias da vida, corações elevam seu pensamento a Maria de Nazaré e recebem dela o amparo.

Mas há, atualmente, uma circunstância em que a prece emitida faz os céus se movimentarem com ainda maior agilidade.

Trata-se da prece emitida pelas mães, pais, vovós ou tias endereçando um apelo para ajudar os pequeninos que moram em seus corações e que estão sendo enredados pelo mal.

Ouso afirmar-vos, filhos da minha alma, que nestas preces, Maria de Nazaré se põe em campo, pessoalmente, para tomar providências, pedir a colaboração de outros espíritos e encaminhar tudo o que for possível para atender a este apelo.

Creiam, filhos, que quando oramos em favor de um pequenino que está se envolvendo com o crime, com as drogas ou com convites infelizes que estão sendo endereçados a ele, contamos com a ajuda de Maria de Nazaré e de todos os espíritos que se põem, espontaneamente, a seu serviço em favor da humanidade.

Confiem.

Orem.

Transmitam esta confiança a todos os pais e mães que possam se beneficiar com esta informação.

Corria o ano de 1939...

14/12/2013

Conta-se uma história, na espiritualidade, que tentarei transmitir a vocês de uma forma simples.

Corria o ano de 1939...

Os países da Terra se lançavam em um conflito de grandes proporções, envolvendo muitos corações em suas sombras.

Famílias inteiras que reencarnaram com planos de reerguimento espiritual através do trabalho digno, foram atiradas nas tempestades de ódio e violência, perdendo o rumo de seu caminhar espiritual.

Terras cultiváveis e construções que serviam de apoio à humanidade foram destruídas pelas bombas, transformando o planeta.

Governos e países que primavam pela construção da paz para seus habitantes foram conduzidos à ganância da posse de terras vizinhas ou à necessidade de pegar em armas para autodefesa.

Com este quadro desolador, que afetava muitos e muitos corações afetuosos, reuniu-se na espiritualidade, espíritos de luz para definirem defesas emergenciais para a manutenção da paz.

Sob a inspiração do Mais Alto, algumas providências foram estabelecidas para que se movimentassem os trabalhadores da paz de forma ordenada.

Trabalhos urgentes para receber o grande aumento de desencarnados e dar-lhes o amparo necessário.

Trabalhos inspiradores aos governantes buscando incutir em seus corações a serenidade para minimizar os conflitos.

Incentivo aos agrupamentos religiosos para a oração sincera em favor de todos, para diluir com a prece as nuvens escuras da animosidade.

Estas e outras providências estavam sendo discutidas para movimentar os recursos suficientes para a sua execução.

Foi quando adentrou à sala de reuniões a figura excelsa de Maria de Nazaré.

Todas as conversações cessaram e os olhares se voltaram para ela.

E ela, como que já sabendo das providências em andamento, lhes falou:

“Meus amigos.

Conquanto todas as tarefas que vocês estão planejando sejam necessárias e urgentes para o momento, quero lhes pedir que acrescentem mais uma tarefa em sua relação.

Solicitem a todos os agrupamentos religiosos, e em particular, aos agrupamentos que estudam a Doutrina Espírita, que se recordem das palavras de meu filho: Deixai que venha a mim as criancinhas, porque delas é o reino dos céus.

Nós precisaremos de vários séculos de trabalho de amor e caridade para apagar todo o ódio que está sendo disseminado pela humanidade.

Nós precisaremos do trabalho paciencioso de construção do amor nos corações infantis para retirar do coração destes espíritos a animosidade com que eles virão para cá desta encarnação.

As futuras reencarnações destes espíritos vão requerer de todos aqueles que se dedicam com amor à causa de meu filho muito trabalho de esclarecimento, de reerguimento e de recondução ao caminho do bem.

Em meu nome, levem a todas as casas religiosas, e em particular às casas espíritas, que os escutarão com mais atenção, a intuição de receber as crianças para o trabalho amoroso do Evangelho de meu filho”.

Diz-se que foi a partir desta reunião espiritual que se iniciou a disseminação da ideia e o crescimento das tarefas de Evangelização Infantil nos meios espíritas.

Um pedido da Jussara

aos corações cristãos

25/01/2014

Meus amigos.

Desejo fazer um pedido aos seus corações: uma prece em favor dos indigentes que cruzarem no seu caminho.

Uma prece em favor daqueles que nem sequer têm um teto para lhes cobrir os corpos nas noites de frio ou chuva.

Antes do sentimento que os leva, naturalmente, a se afastar daqueles que cheiram mal ou que trazem os indícios da bebida alcoólica, uma pergunta endereçada aos céus: *“O que levou este ser a esta situação? Poderia ter acontecido comigo?”*.

Antes do julgamento que normalmente fazemos, atribuindo o veredito de culpado, outra pergunta endereçada os céus: *“O que poderia ter sido feito em tempos passados para evitar esta situação e não foi feito?”*.

Meus amigos.

Trabalhando junto a estes decaídos da vida, na luta para reerguê-los, descobri muitas tarefas que precisam ser feitas, antes mesmo de conseguirmos conversar com lucidez com eles.

Afastar os efeitos deletérios do álcool de suas mentes.

Afastar, ao menos momentaneamente, as companhias espirituais que esta situação atrai.

Afastar de suas mentes as imagens vivas do passado que os impedem de pensar no futuro.

E estas tarefas, meus amigos, assim como outras, obtém maior sucesso quando associamos a nossa vontade e o nosso amor aos fluídos amorosos, mas mais materializados, dos encarnados que oram em seu favor.

É por isso, meus amigos, que lhes peço a oração sincera daqueles que estão aprendendo o cristianismo nesta Casa de Orações em favor destes que ainda precisam muito caminhar para ter este equilíbrio que já se encontra na vida de vocês.

Mas, se peço, também dou a minha contribuição.

Pedi em prece a Jesus e àqueles que dirigem nossos caminhos espirituais, que em todos os instantes que alguém de vocês atender ao meu pedido, eu seja imediatamente informada, através dos fios invisíveis que unem os corações em prece.

Desta forma estarei ao seu lado, orando juntos, trabalhando juntos e colaborando com Maria de Nazaré na sua tarefa bendita de reerguer os caídos.

Jussara

Outro recado a um palestrante espírita

09/08/2014

“Meu filho.

Se as pessoas tiverem dificuldade de compreender o amor de Deus para com elas, peça que orem para mim que eu as ajudarei.”

Maria de Nazaré

A capelinha

do senhor Eduardo no séc. XIX

23/08/2014

Meus amigos.

Certa ocasião ouvi de um amigo espiritual, que tinha vivido sob o jugo da escravidão, uma história. Pedindo permissão a ele, que se encontra ao meu lado neste instante, vou resumidamente passá-la a vocês.

O Senhor Eduardo, senhor de imensa quantidade de terras, estava à espera da morte, aos oitenta e oito anos.

A doença se instalara há já mais de mês e os médicos preparavam a família dizendo-lhes que a qualquer momento poderia acontecer.

O jovem Senhor Eduardo foi mandado pelos pais para a capital para estudar. Seu irmão mais velho permaneceria na fazenda, sendo preparado para substituir o pai na administração da mesma.

O jovem Senhor Eduardo, apesar de desejar imensamente a vida eclesiástica, se preparava seriamente para os estudos da medicina.

Foi nessa época que a catástrofe acidental levou de uma só vez seu pai e seu irmão para a outra vida.

Chamado pela mãe, viu-se solicitado a abandonar os estudos e assumir a fazenda. Mesmo porque ficaram apenas suas irmãs menores, que

estavam chegando ainda à idade do namoro. Era ele o único homem da família no momento.

Atendendo aos deveres filiais, o jovem Senhor Eduardo deixou a capital e retornou.

Sua primeira providência foi convocar todos que trabalhavam na fazenda, brancos e negros escravos para a tarefa de reforma e ampliar a capela que seu pai tinha construído.

Quando pronta, mandou colocar uma placa no alto da porta com a escrita: *“Esta capela é dedicada a Maria de Nazaré. Que cada um que aqui adentre faça uma prece endereçada a ela”*.

Na inauguração da capela, tendo chamado o padre para rezar a missa, convidou vizinhos e todos os seus trabalhadores, brancos e negros. Ao final da missa, tomou a palavra e anunciou que em suas terras não haveria nunca mais a escravidão. Todos seriam livres a partir daquele momento, podendo ficar para o trabalho remunerado ou ir em paz para outros lugares. O que se sabe é que nenhum dos escravos foi embora.

Anunciou também que aquela capela nunca teria suas portas fechadas. Todos que o quisessem, de dia ou de noite, poderiam ali ir rezar.

E semanalmente, trazia o padre para a missa. Sempre convidando brancos e negros para assistir.

O tempo foi passando.

Muitos iam à capela fazer seus pedidos e começou a correr uma fama pelas redondezas: dizia-se que todos os pedidos que ali eram feitos eram atendidos.

Talvez as histórias sejam verdadeiras, talvez tenham sido aumentadas pela credence popular.

Mas se dizia que muitas mães curaram seus filhinhos apenas por entrar com eles pelas mãos para orar na capela para Maria de Nazaré.

Outros diziam que, tendo perdido algo precioso, foram ali orar e logo encontravam o que tinham perdido.

Dizia-se que até a própria água que ali ficava para quem tinha sede, curava as doenças.

Durante mais de sessenta anos, que foi o tempo que o Senhor Eduardo esteve à frente da fazenda, todos os dias as flores da capela eram renovadas. De forma que estavam sempre viçosas e perfumadas para quem ali fosse.

Como um dos que foram beneficiados pelo bom coração do Senhor Eduardo, fui convidado a participar das tarefas do seu desencarne.

A esta altura já era eu um espírito liberto da carne, mas tinha visto meus filhos e netos serem educados pelas professoras que o Senhor Eduardo levava para educar brancos e negros.

Tinha visto meus filhos e netos serem curados pelos médicos que o Senhor Eduardo levava para cuidar de brancos e negros.

Na verdade, por um dever de gratidão, me voluntariei, como espírito, para estar ao lado dele nestes momentos.

Durante uma semana ali estive.

Vi muitos encarnados irem visitar a família desejando sinceramente que ele sarasse, apesar de saberem da gravidade da doença.

Vi também muitos espíritos agradecidos, como eu, irem ao lado do Senhor Eduardo acamado e orarem, pedindo a Deus que o amparasse.

Até mesmo caravanas familiares de espíritos vinham agradecer os benefícios recebidos, orando e às vezes cantando suas preces.

Ao final da semana que ali ficamos, vimos um dia a chegada de uma luz indescritível.

Uma luz que adentrou ao quarto do doente e todos nós, os espíritos que ali estávamos, nos ajoelhamos e, abaixando minha cabeça, apenas ouvi estas palavras:

“Vem, meu amigo.

Aqueles que cooperam em vida criam condições de se tornarem por toda a eternidade cooperadores de Deus para levar o Seu Amor a todas as criaturas”.

A emoção do momento não me permitiu indagações maiores sobre o acontecimento.

Só muito tempo depois fiquei sabendo que fora Maria de Nazaré quem tinha ido recepcionar o doente que deixava o seu corpo de carne para trás.

Jussara

[Após a mensagem, o senhor Eduardo, que não se encontrava presente na reunião fisicamente, mas de onde estava, estava em sintonia com os acontecimentos, transmitiu a ela um recado: *“Hoje, este Centro que vocês se reúnem se transformou na minha capela do século XIX.”* – Querendo dizer, amorosamente, que nossas preces estavam sendo ouvidas e atendidas por Maria de Nazaré.]

Recordar o período da gravidez de Maria de Nazaré

17/01/2015

Corações amados do meu coração.

A recordação do Natal, a recordação do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo nos entenece o coração e nos traz as mais gratas lembranças à mente.

Desejo nesta tarde recordar do período que antecedeu o Natal.

O período da gravidez de Maria de Nazaré.

O período em que ela, com muito amor, teve em seu ventre a formação do corpo que Jesus iria utilizar em sua existência terrena.

Quantas necessidades ela passou?

Quantas dificuldades ela precisou superar para chegar ao momento em que a luz viria ao mundo?

E com estas recomendações desejo pensar nas jovens mães que carregam em seu ventre os filhinhos em formação.

Principalmente aquelas que não contam com os braços do papai para ampará-las e dar-lhes a confiança no amanhã.

São mães, como Maria de Nazaré foi mãe, que precisam do amparo Divino a se estender pelas mãos das pessoas de boa vontade que as amparam.

Tenho a permissão da Espiritualidade Maior para lhes contar um segredo que talvez já seja conhecido de alguns.

O segredo é que a tarefa do enxovalzinho que é doado às mães não se trata apenas de uma doação de algumas peças de roupa que irão agasalhar o bebê que irá nascer.

Através do amor que vai no coração de todos aqueles que se envolvem nesta tarefa, estas roupinhas saem desta Casa impregnadas de fluídos amorosos que a Espiritualidade vai poder utilizar, na casa em que é endereçada, para a cura necessária, para o fortalecimento das tarefas de geração do novo corpo e, acima de tudo, para o fortalecimento da esperança no amanhã da mãe e da criança.

Quando tiverem em tuas mãos um enxovalzinho endereçado a uma futura mãe, lembra-te de Maria de Nazaré com Nosso Senhor Jesus Cristo em seu ventre e peça a eles que amparem aqueles que irão receber este enxovalzinho.

Emma,
a tecelã do Amor Divino

Prece a Maria de Nazaré

21/02/2015

Senhora Maria de Nazaré

Nesta casa de orações nos reunimos, espíritos encarnados e desencarnados, que desejam fazer a caminhada para ir ao encontro de seu filho, Jesus.

Sabemos que para isto precisamos tecer uma capa espiritual de proteção para podermos vencer os obstáculos e dificuldades da caminhada.

E para isto lhe pedimos Senhora: Ajuda-nos e ensina-nos a tecer esta capa protetora.

Sabemos que a Senhora, durante milênios, teceu a da Senhora. E tão bem o fez que hoje, em todos os lugares do planeta, os sofredores e os desesperados pedem para ser amparados pelo Manto da Mãe Santíssima.

E sabemos que seu manto ampara e consola a todos que rogam por ti. Senhora de Nazaré, ajuda-nos e ensina-nos a tecer nossa própria capa.

**Emma,
a tecelã do Amor Divino**

Recado de Maria de Nazaré

19/09/2015

Meus amigos.

Com alegria no coração retorno a esta Casa de Orações para transmitir um recado.

Venho lhes dizer que corre, na espiritualidade, uma orientação que, dizem alguns espíritos mais evoluídos, ouviram diretamente dos lábios da Mãe Santíssima, Maria de Nazaré.

Diz-nos ela para Amar e Confiar.

Amar aos que convivem ao nosso lado, lembrando do ensino maior de seu filho: *“Amai-vos uns aos outros como Eu vos amei”*.

Amar indistintamente a bons e maus.

Amar indistintamente os próximos e os distantes.

Amar indistintamente, pois Jesus ama infinitamente a todos os que habitam no nosso planeta, encarnados e desencarnados.

E confiar.

Confiar indistintamente que bons e maus um dia encontrarão seu caminho de paz e felicidade.

Confiar indistintamente que os que estão próximos e os que estão distantes se encontrarão um dia, pois Jesus nos disse que um dia haverá um só rebanho para um só pastor.

Confiar indistintamente, pois Jesus confia infinitamente que todos os que se encontram sob sua tutela um dia verão a Deus.

Se pensarmos nestas orientações com cuidado e carinho, veremos que elas nos falam a cada um de nós, individualmente, pois Maria de Nazaré tem em seu coração amoroso o desejo de que todos nós conheçamos os ensinamentos de seu filho e que os sigamos, como ela falou àqueles que trabalhavam no casamento em Canaã: *“Façam tudo o que Ele vos mandar fazer”*. E Jesus, naquele momento produziu o vinho a partir da água, fazendo o seu primeiro milagre que iria chamar a atenção do mundo sobre ele.

Obrigado meus amigos por prosseguirem nas tarefas que o Cristo tem trazido a esta Casa de Orações.

Padre Josefo

Carta de Maria de Nazaré

17/10/2015

Já se passaram quase duzentos e cinquenta anos destes acontecimentos que vou narrar, mas eles estão impregnados em minha alma e os revivo a cada instante, como se estivessem ocorrendo agora.

Minha infância foi de muito boas recordações. Minha mãe, que possuía o dom da leitura, o que para a época era um dom muito precioso, sempre narrava a mim e a meus irmãos, histórias de Jesus. Muitas vezes íamos às igrejas em horários que lá ninguém se encontrava, e ela, reunindo os filhos e as crianças vizinhas ao seu redor, nos contava as histórias que estavam por trás das gravuras e imagens que lá víamos.

E eu me encantava por aquele Messias que curava os doentes, que multiplicava o alimento e que nunca se cansava de ensinar as pessoas para que elas se encontrassem com o Deus Pai.

Quando saí da casa paterna em busca de aprendizados para a vida, comecei minha busca pelo Cristo. Procurei-o nas cátedras científicas, pois acreditava eu em princípio que Ele, conhecendo todas as coisas, estaria em todos os lugares, principalmente onde o estudo da natureza se fizesse presente. Encontrei muitos ensinamentos, mas meu coração não se sentiu preenchido daquela satisfação e alegria que encontrava nas histórias da minha infância.

Busquei-o então na religião. Ouvi as pregações dos católicos romanos

e também a dos reformistas. Ora minha razão se inclinava para um dos lados e ora se inclinava para o outro. Havia momentos de maior lucidez em que percebia que um e outro tinha parte da razão sobre o que falavam, apesar da disputa ferrenha que os separava. Mas, apesar de minha razão e meu entendimento compreenderem mais das coisas divinas, minha alma permaneceu sem aquela alegria que esperava encontrar.

Opotei então pela reclusão consentida. Quem sabe através da meditação permanente iria eu encontrar aquele Jesus dos milagres, aquele Jesus das conversações fraternas com seus seguidores. Recolhi-me então a um mosteiro e lá, através da leitura bíblica e das meditações esperava ter a oportunidade de me encontrar com Jesus.

Mas a velhice chegou e nada aconteceu.

Certo entardecer, que se afigurava o mais triste entardecer de minha vida, pois eu o associava comigo mesmo, que estava também chegando à noite da velhice sem ter conseguido o objetivo da existência.

Nesta tarde comecei a pensar na possibilidade até mesmo de pôr fim à vida, pois já não fazia mais sentido continuar as buscas de algo que já desanimava de encontrar.

Dispus-me a escrever uma longa missiva, mas logo descobri que tinha pouca tinta para minhas anotações, pois este era um artigo escasso onde me encontrava. Mesmo assim iniciei a carta.

“Senhora Maria, Mãe Santíssima

Onde está seu filho que não encontro?

Procurei-o por toda a minha existência.

Na ciência, na religião, na oração silenciosa, mas não o encontro em nenhum lugar.

Onde, Senhora, posso encontrá-lo, agora que as forças físicas já estão me deixando?”

Foi neste ponto que a tinta se acabou. A página ficou escrita pela metade. Muitas coisas se passavam pela minha cabeça e gostaria de tê-las grafado. Entristecido pelo final da tinta, mas vendo a ligação disto com o final de minhas esperanças, sentei-me na cama e fiquei pensando, pensando. Recordando os acontecimentos desde a infância até a velhice. E o sono chegou sem que eu o percebesse.

Despertei várias horas depois, pois o dia já havia amanhecido e o sol se apresentava pela janela. Lembrei-me da carta que estava a escrever e me dirigi a ela, com o objetivo de buscar adquirir mais tinta e prosseguir na escrita.

Foi aí que fui surpreendido. A tinta que eu usava era preta e, depois de minha escrita havia uma continuação. Só que em tinta azul mais clara, quase brilhante, pois quando o sol incidia nela ela refletia a luz, o que não acontecia com a minha tinta.

Quem a teria escrito? E como? Se eu me encontrava recluso em um local somente acessível a mim mesmo, como era o costume do mosteiro em que me encontrava. E o que estava escrito? Pus-me a ler e a emoção tomou conta de mim já nas primeiras linhas.

“Mas você não o procurou onde devia procurar.

Você não o procurou junto às mães que, por falta de alimento, não conseguem gerar a seiva da vida para alimentar seus filhinhos.

Você não o procurou junto aos velhinhos que, por falta de um trabalho compatível com sua idade, passam fome, por não desejarem se impor a tarefa de mendigar.

Você não o procurou junto àqueles que, por falta de uma orientação na infância e na juventude, se encontram aprisionados pela justiça da sociedade.

Você não o procurou junto aos que sofrem sem encontrar um coração amoroso que lhes amenize a dor e a angústia.

Junto a estes você, com certeza, encontrará meu filho, pois ainda hoje se encontra Ele na tarefa de aliviar o sofrimento da humanidade.

Busque-o novamente nos lugares certos, pois Ele sabe de sua busca incessante e o convida a estar com Ele.”

Maria de Nazaré

Meus amigos, guardo até hoje em minhas memórias espirituais este momento. Continuo a minha busca pelo reencontro com este Mestre de toda a humanidade. Só que agora aprendi onde procurá-lo. Descobri ser verdadeira a sua fala quando nos disse: *“Se ajudardes a um destes mais pequeninos, foi a mim que ajudastes!”*.

A visita a um Centro Espírita

12/03/2016

Alice, Rosaura e eu fomos convidados por um instrutor espiritual a visitar e conhecer as tarefas de um Centro Espírita.

Devíamos permanecer os três sempre juntos, para que o aprendizado se desse em conjunto. Não podíamos interferir em nada do que ali estivesse acontecendo. Podíamos apenas observar. Tínhamos até mesmo a liberdade de auscultar os pensamentos dos encarnados que ali comparecessem.

Logo de início, nos chamou a atenção um senhor, irrequieto, que estava sentado para ouvir a palestra. Ouvimos o que ele pensava: *“Eu me sinto bem vindo a esta casa, mas como é difícil entender o que eles falam. Quando chego em minha casa, mal consigo me lembrar de uma ou duas frases que foram faladas. Às vezes são apenas algumas palavras soltas. Mas, tudo bem, vamos ver se hoje conseguirei entender melhor”*.

Observamos depois uma das tarefeiras concentradas, como que em oração, e fomos até ela: *“Senhor, quanta dificuldade tenho no trato com as crianças que veem a esta Casa. Apesar do meu esforço não acredito que estou ajudando muito na tarefa de Evangelização Infantil. Me ajude, Senhor, a ajudar mais”*.

Depois vimos um rapaz que colaborava nos passes e fomos até ele: *“Meus Deus, como é difícil sustentar o pensamento em oração durante*

todo o tempo do passe. Será que eu estou colaborando, mesmo com os pensamentos infelizes que brotam na minha mente? Ou será que devo me afastar até ter um pensamento mais firme?”.

E assim fomos observando diversos encarnados e os pensamentos eram semelhantes. Mesmo assim, cada um procurava executar sua tarefa na reunião, da melhor forma possível.

Perto do encerramento, o silêncio maior se fez e o dirigente iniciou sua prece, como que resumindo o pensamento de todos, mesmo que ele mesmo não os conhecesse.

Por intuição ele falou: *“Senhor, ainda não aprendemos a orar como nos ensinastes. Mas lhe pedimos que receba o nosso tempo e os nossos esforços para fazermos o melhor, pois esta tarefa é feita em teu nome, Senhor”.*

Mal terminara ele de falar e vimos uma luz se fazer no salão.

Pela porta adentrava uma entidade que emanava luz de seu coração, clareando todo o ambiente e nos trazendo sensação de paz e de alegria.

Rosaura olhou para nós e disse: *“Vocês estão ouvindo a música que se fez? E sentindo o perfume?”.*

Eu e Alice nos entreolhamos e falamos quase a uma só voz: *“Não, apenas estamos vendo a luz que emanou de seu coração”.*

A entidade se aproximou de uma jovem médium que se encontrava em oração silenciosa e falou-lhe algumas palavras que ela transcreveu para o papel.

Ao término da reunião, o dirigente pediu que a médium lesse a mensagem:

“Minha filha, trago-lhes um recado de Mais Alto para vossa meditação. O recado é:

— Meus amigos.

A boa vontade é a prece que alegra o coração de meu filho.

As imperfeições e os erros serão corrigidos com o tempo.

As deficiências são supridas pelas entidades espirituais que amparam as vossas tarefas. Confiem.

Mas a vossa boa vontade é colhida por estas entidades, e, como um ramalhete de flores é levada ao Meu Filho, que se alegra em recebê-la.

E, dos seus pensamentos, retornam bênçãos de esperança e fortalecimento a cada um que colaborou com o ramalhete, mesmo que seja por uma pequenina tarefa aos vossos olhos.

Prossigam, meus amigos.

Perseverem na boa vontade para com as tarefas de Meu Filho em favor da humanidade.

Maria de Nazaré”.

Ao término da leitura, a entidade já não estava presente no Centro, mas sua influência se fazia presente entre encarnados e desencarnados, pois era-nos difícil evitar que as lágrimas brotassem de nossos olhos.

Rafael, o Católico

Seu Lito e a Senhora Doutora

23/04/2016

Naquele entardecer, como em tantos outros que se passaram, Seu Lito retornava das tarefas do campo com sua enxada às costas.

Talvez por ter sido um dia de calor inclemente, talvez por alguma causa que desconhecia, aquele retorno estava sendo diferente.

Parecia que cada um dos dias dos quase oitenta anos pesava sobre as pernas e o caminhar era bem mais lento, mais penoso.

Parecia que a enxada lhe pesava nas costas mais do que nos outros dias.

E seu pensamento retornava no tempo.

Pensava no tempo de criança um pouco mais crescida, quando seu pai lhe ensinou a manejar a enxada para pequeninas tarefas. Seu pai lhe disse neste dia: *“Aprenda bem para poder me ajudar a ensinar seus irmãos menores, um dia”*.

Pensava no tempo da juventude onde os sonhos de formar um lar com aquela que seu coração escolhera, os sonhos se desfizeram porque a família de sua eleita precisou se mudar para uma cidade distante, para um emprego em outra fazenda.

Pensava nos irmãos que ficaram ao seu encargo de cuidar, de amparar, de sustentar quando a doença levou seus pais para a outra vida.

Pensava...

Pensava...

Toda sua existência se passando pelo seu pensar. E as pernas doendo a cada passo.

A dor o trouxe à realidade do momento e decidiu que no dia seguinte, logo pela manhã iria ao hospital à procura da Senhora Doutora.

Sempre recorria a ela quando a saúde lhe trazia algum problema. Como daquela vez das dores nas costas que o impediram de trabalhar e ela o internou por dois dias no hospital. Mas retornou curado e pronto para as tarefas.

Chegando em casa, conseguindo enfim se sentar e descansar, tomou sua enxada nas mãos e, antes do seu próprio asseio diário, limpou-a de toda a terra que nela se impregnara pela tarefa e passou óleo nela, para que não enferrujasse, como fazia todas as noites.

Ao amanhecer do dia seguinte lembrou-se do planejado e, levando a enxada às costas para ir ao trabalho logo depois, dirigiu-se ao hospital.

Parecia-lhe um pouco diferente, mas lá estavam os degraus de entrada como sempre estiveram, às vezes difíceis de serem subidos.

Mas, mesmo ainda sentindo um pouco de dor, foi mais fácil desta vez.

Logo que subiu os degraus, uma enfermeira parecia que já o esperava. Ficou surpreso, pois sempre tinha uma fila ou um tempo de espera para ser atendido. Mas ela, graciosamente lhe perguntou:

“Veio em busca da Senhora Doutora?”.

“Sim, hoje estou precisando dela”.

“Então venha comigo. Só que hoje é outra Senhora Doutora que o irá atender. Mas não se preocupe, ela é tão boa e atenciosa como a outra”.

Caminharam pelo corredor e a enfermeira o deixou à frente de uma porta semiaberta.

Entrou.

A Senhora Doutora já o esperava, com um belo sorriso nos lábios.

“Olá, Senhor Lito. Como posso ajudá-lo?”

“Doutora, a dor nas pernas foi muito forte ontem. Preciso me recuperar para que o trabalho não seja tão cansativo. Tenho muito a fazer hoje”.

“Estou vendo, meu amigo. Você até trouxe sua enxada para não perder muito tempo. Mas creio que chegou o tempo de fazermos tarefas mais leves. A idade vem chegando e precisamos mudar um pouco nossas tarefas para não ficar muito pesado. A dor nas pernas vai passar, não precisa nem de medicamento. Mas precisamos fazer as tarefas que não nos cansem tanto”.

“Como assim? Eu não sei fazer outra coisa senão trabalhar com a enxada”.

“Meu amigo, não estou falando para deixar a enxada. Mas veja: trabalhar no vasto campo onde o mato precisa ser combatido é uma coisa. Trabalhar nos jardins do meu hospital onde as flores precisam doar seu perfume aos pacientes é outra coisa”.

Seu Lito, lembrando-se das brincadeiras que fazia com a outra Doutora se prontificou a fazer uma graça para a nova:

“Seu hospital? Quer dizer que a Senhora é a dona do hospital?”

A Senhora Doutora riu junto com ele e explicou:

“Não. O hospital é de todos que aqui vêm para serem curados.

É que meu Patrão deu-me a responsabilidade de dirigir este por um tempo, então eu penso assim. Mas o hospital é de todos nós. Mas, o senhor aceitaria a mudança nas tarefas? Deixar o emprego de hoje e vir trabalhar aqui?”

“Mas e o meu patrão? Preciso falar com ele. Eu até aceitaria, porque o cansaço está sendo grande naquele imenso campo”.

“Pode deixar, um funcionário do hospital irá conversar com ele e dizer que o senhor está em tratamento e, por um tempo, não poderá retornar. E neste tempo o senhor fica aqui conosco”.

Alegre, o senhor Lito pediu que fosse levado aos jardins para iniciar as tarefas. E a Senhora Doutora foi com ele para a parte externa do hospital e mostrou-lhe os jardins e os cuidados que precisaria ter.

A partir daquele dia, o senhor Lito se tornou o jardineiro do Hospital Maria de Nazaré.

Jussara

[Pequena explicação para o entendimento da mensagem: O Hospital Maria de Nazaré é um hospital espiritual, dirigido pela mãe de Jesus.]

Senhora do meu coração, o que posso lhe oferecer?

17/09/2016

Senhora do meu coração.

O que posso lhe oferecer?

Com certeza não posso lhe oferecer as minhas posses materiais, pois eu não conseguiria levá-las aos planos onde habitas.

Com certeza também não posso lhe oferecer nada do meu passado, pois nem tenho a recordação de outras vidas e, se as recordasse, veria muitos erros que precisam ser corrigidos.

Também não posso lhe oferecer as amizades e os parentes que me envolvem o dia a dia, pois cada um deles é um espírito independente e caminham por si só para a construção do seu futuro.

Então, minha Senhora, o que posso lhe oferecer?

Aceite o pequenino de boa vontade que já nasce no meu coração.

Quando descobri o seu amor por toda a humanidade, quando descobri que suas orações e suas ações sempre têm por objetivo nos ajudar, a nós que ainda caminhamos com muita dificuldade, principalmente no campo do sentimento.

Quando me descobri como um beneficiado por este amor, comecei a me indagar: como posso retribuir?

Confesso que ainda não tenho resposta a essa pergunta, mas me preparo, com boa vontade e com o desejo sincero de fazer a minha parte para ajudar na sua tarefa de amparar a humanidade.

Senhora do meu coração.

Mãe de nosso Mestre Jesus de Nazaré.

Aceite, Senhora, o pequenino de boa vontade que já nasce no meu coração e me oriente, por favor: o que posso lhe oferecer?

Outra peripécia de uma amiga espiritual

04/03/2017

Amigos do meu coração.

Eu já lhes contei, certa ocasião, as peripécias de uma amiga espiritual que, enquanto a música ecoava pelos salões do palácio, ela saía pela porta lateral e ia distribuir sopa para os famintos, retornando ao final da festa para a dança de encerramento junto ao seu marido e senhor.

Hoje vou lhes contar outra de suas peripécias.

Tinha ela duas colaboradoras para as tarefas palacianas que, além de serem suas serviçais, eram amigas que a ajudavam em suas tarefas de amparo aos aflitos.

Como as duas moravam fora dos muros do palácio, conheciam muito bem onde morava o sofrimento maior e a ajudavam a planejar as tarefas de auxílio.

Quando o senhor do palácio tinha tarefas a realizar em lugares mais longínquos, as três, vestindo roupas iguais de serviçais, deixavam o palácio. Geralmente isso ocorria no período da tarde, logo após a refeição. Pois era esse o período que seu marido gostava de sair para suas tarefas.

E iam as três até uma casa onde a mulher tinha caído de cama e ali se incumbiam da limpeza e da alimentação das crianças, do medicamento

da doença da dona da casa, da limpeza dos cômodos, trazendo um arejamento ao ambiente e convidando ao retorno da saúde.

Iam depois ao casebre onde a penúria era maior, levando frutas, legumes e outros produtos que havia em abundância no palácio, mas que ali significavam a única refeição disponível há vários dias.

E estas tarefas e outras semelhantes, as três o faziam constantemente, sempre retornando antes do final do entardecer, pois seu marido costumava chegar já quando a noite se fazia presente.

Uma tarde, no entanto, quando já terminando as tarefas de alívio ao sofrimento alheio, retornavam alegres, foram surpreendidas, já próximas do palácio, com o barulho do cavalgar de cavalos que se aproximavam rapidamente.

Era seu marido retornando mais cedo do que o esperado.

Os cavaleiros passaram por elas sem as reconhecerem.

Ela ficou muito preocupada com o acontecimento.

Sabia muito bem da reação dele quando não a encontrasse em seus aposentos.

Sabia muito bem de seus impropérios que, se fossem dirigidos apenas a ela, ainda não trariam muitos problemas.

Mas, preocupou-se com suas companheiras.

Sem dúvida, seu marido e senhor descarregaria nelas seu enraivecimento. Elas poderiam ser expulsas do palácio e isso a assustou.

Lembrou-se da oração.

Dirigindo-se agora a passos rápidos para chegar mais rapidamente, seus pensamentos se movimentaram, ainda mais ágeis, buscando elevar um pedido à mãe de Jesus. E dizia de si para si mesma: *“Senhora! A Senhora que guia os meus passos nesta existência, pode me amparar neste momento? Senhora de Nazaré, ampara meu senhor, e minhas companheiras, por favor”*.

Adentraram as três, preocupadas, pela porta lateral do palácio. Rapidamente trocou a roupa de serviço por uma roupa mais digna de senhora do palácio e se dirigiu aos seus aposentos, com a expectativa de viver os piores momentos de sua existência até aquele momento.

Mas, para sua surpresa, encontrou-se com o marido sorridente no corredor e ouviu dele: *“Mas, já paraste de cantar? Devias continuar, pois estava muito lindo”*.

Ela olhou surpresa e sem entender do que ele estava falando. Não respondeu. E ele continuou:

“Cheguei mais cedo de minhas tarefas longínquas e fui de imediato procurá-la em teus aposentos.

Mas parei à porta, pois a música que cantavas era simplesmente divina. Tão maravilhosa que não me senti digno de interrompê-la com minha presença. E tão bela e tão maravilhosa era que, nos poucos minutos que me pus a ouvi-la o cansaço da viagem desapareceu.

Sinto-me revigorado em minhas energias e muito alegre em meu coração”.

Ela começou a compreender um pouco da situação, percebendo da intervenção de Maria de Nazaré nos acontecimentos, mesmo assim não encontrou palavras para explicar alguma coisa ao seu marido e senhor. E ele, alegre e sorridente, falou ainda: *“Quem sabe, em alguma ocasião você possa cantar para nossos convidados? Tenho certeza que eles também se encantariam”*.

Ela, conseguindo de alguma forma retomar o domínio de si mesma pode responder:

“Meu marido, isso seria impossível, pois só consigo cantar assim quando me encontro absolutamente sozinha com meu mundo íntimo.

Você fez muito bem em não interromper, pois se eu soubesse da sua presença, creio que não conseguiria prosseguir.

E por isso te agradeço muito”.

E ajoelhou-se beijando-lhe as mãos como sempre fazia, enquanto dirigia o pensamento a Maria de Nazaré em agradecimento.

Jussara

O que você deseja que eu te fale?

04/11/2017

Buscando conhecer o espiritismo, o aprendiz dedicou alguns anos de sua vida com o sincero desejo de aprender e ajudar.

Mas, no seu íntimo os sonhos eram maiores.

Lendo sobre aqueles que lançaram os fundamentos da doutrina, já se sentia como um deles.

Lendo os romances que mostravam aqueles que deram suas vidas para que o Cristianismo surgisse para iluminar a humanidade, seus pensamentos o levaram a desejar esta convivência.

Sonhos dignos, mas ainda carregados da infantilidade daqueles que ainda não atingiram a maturidade dos aprendizados.

Em seus anseios, desejava muito a orientação de Maria de Nazaré.

Pensava ele, consigo mesmo: *“Ah! Se eu pudesse ter uma orientação da Mãe de Jesus, poderia fazer mais e mais, me dedicar mais e mais.”*

Enquanto seus pensamentos passeavam pelos céus, trabalhava ele na pequena tarefa que lhe tinha vindo ao alcance das mãos. Fazia a sua parte no pequenino núcleo espírita a que estava vinculado, com amor e alegria.

Mas sonhava sempre com o momento em que receberia a orientação direta que tanto almejava.

Pensava ele, consigo mesmo: *“Se tivesse esta oportunidade, saberia com clareza o que fazer. Saberia como realizar as tarefas ainda com mais acerto.”*

E um dia, talvez por desejar tanto que esse dia chegasse, ouviu ao seu lado, enquanto fazia sua tarefa espírita: *“O que você deseja que eu te fale?”*

Pressentiu que a presença ao seu lado era de alguém com muito amor e conhecimento.

Lágrimas de emoção lhe vieram ao rosto.

A voz ficou embargada na garganta. Não conseguiu pronunciar a resposta. E ela prosseguiu, perguntando: *“Você tem algo a pedir? Você precisa de algo que eu possa fazer para te ajudar a realizar sua tarefa?”*

Mesmo com a nova oportunidade, nenhuma palavra foi formulada. E emoção era maior do que tudo o que imaginara.

E pensou: *“Na verdade, não tenho nada a pedir. Nada que possa dizer neste momento. Talvez eu pudesse agradecer apenas.”*

Mas não conseguia concatenar as ideias o suficiente para formular as palavras.

A emoção não permitia.

E ela se despediu, falando:

“Meu amigo. As pequenas tarefas que meu Filho te envia já são as orientações que te chegam de acordo com tuas necessidades. Dedicar-te a elas como tens te dedicado e elas te trarão o aprendizado e o fortalecimento espiritual que tanto almejas. Mas precisam contar ainda com dois ajudantes que estarão ao teu lado: O tempo e a perseverança. E um dia, talvez em um novo encontro, poderemos conversar sem que tua emoção o impeça de falar. Prossegue nas tuas pequeninas tarefas, pois através delas te enviarei sempre as minhas orientações.”

Maria de Nazaré, este é o nome que escolhi

11/11/2017

Maria de Nazaré, este é o nome que escolhi quando minha tarefa chegou.
Vinha com o coração dilacerado, pois tinha acabado de enterrar meu único filho, vítima de uma doença incurável.

Meu coração não tinha mais nenhum batimento de amor, pois me sentia a pior das criaturas.

A mais perseguidas pelos Céus.

A revolta era tão grande que me recusava a orar.

Dias e dias foram passando sem que isto se modificasse.

Até que um dia tive um sonho lindo.

Meu menino chegou até mim e disse:

“Mamãe, por que se encontra em agonia?”

Não achas que a sua dor é tão grande?

Já pensaste na dor de nossa mãe celestial quando também viu seu filho na cruz?

Acha que a dor dela era menor que a sua?

Já pensaste que Jesus não tinha culpa e foi ao calvário por amor?

Já pensaste que o Nosso Senhor deu testemunho do maior amor à humanidade?

Eu, mamãe, passei pela prova como alguém que se livrou da maior dor que é a dor da consciência.

Passado estes percalços estou tão bem, que venho lhe pedir que modifique sua vida para melhor.

Quando pensares em mim pense também em seus braços que podem abrigar outros pequenos que precisam de amparo.

Sofrer sem proveito é sofrer sem ânimo, sem coragem.

Sofre com proveito é contar com a esperança de prosseguir.

Pense, mamãe.

Pense..."

E se despediu.

No outro dia levantei em paz.

Uma paz que há muito tinha deixado de sentir.

Comecei a trabalhar e no meu coração uma alegria imensa se fazia.

Bateram à porta e fui atender.

Um pequenino, muito nervoso e, ao mesmo tempo, muito tímido tomou a minha mão e disse:

"Senhora, não sei porque estou aqui, mas uma voz melodiosa me disse que aqui eu encontraria abrigo. Sou órfão. Não tenho para onde ir. E o meu passado me pôs na rua, mas eu aprendi a orar com minha mãe quando era viva e ela me disse: João, quando te encontrares sem saída peça a Maria de Nazaré e ela te ouvirá e é por isso que estou aqui, com confiança que vão me atender."

Lembrando do sorriso que era vivo em minha mente, convidei-o a entrar e se alimentar.

Conversamos muito e convidei a ele ser o meu primeiro hóspede.

Meus amigos, foi o primeiro de muitos que me vieram fazer companhia.

E o nome que dei ao meu pequeno orfanato é *Maria de Nazaré*.

Jesus nos abençoe.

Minhas meditações sobre o nascer de novo

25/11/2017

Filhinhos do meu coração.

Que a paz de Nosso Senhor Jesus Cristo se faça no coração de todos, hoje e por todo o sempre.

Minhas palavras, filhinhos, apenas podem ser endereçadas a vocês para lhes trazer um pouco mais para meditem em torno do aprendizado da tarde, que nos pede para renascermos, ou para nos modificarmos interiormente.

Hoje quero lhes trazer minhas próprias meditações em torno deste aprendizado.

Em primeiro lugar, devo reconhecer a dificuldade de colocar em prática este pedido de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Quando encarnado, sofrendo as dificuldades da escravidão e da mudança das terras africanas para este novo continente, em minha mente muitas perguntas se faziam sem resposta.

Como perdoar aqueles que nos escravizavam os dias?

Como perdoar aqueles que nos separaram de nossos entes queridos?

Como conviver harmoniosamente com as pessoas que nos tratavam daquela forma?

Mesmo quando outros negros me pediam para meditar nos ensinamentos que já lhes traziam alguma paz, eu não o conseguia, e muitas vezes, como vocês já sabem, fugia para o meio do mato por não compreender como fazer a vontade de Deus naquelas circunstâncias.

Meu coração, indócil, se recusava a desejar aquela mudança.

Como fazer então?

Como vencer esta dificuldade?

Bem que eu desejava encontrar uma resposta a estas perguntas.

Mas veio um dia em que um dos negros mais velhos da fazenda, de uma forma muito amorosa, pediu que eu fosse com ele na tarefa de colher as frutas do pomar.

Ele ali me falou de Maria de Nazaré.

Contou do seu sofrimento ao ver o filho sofrer o imerecido castigo.

Contou do seu amor por todos os homens, se dedicando principalmente àqueles que haviam perdido a esperança de viver.

Contou que todos aqueles que lhe dirigiam uma prece, um pedido, eram atendidos, e era por isso que em muitos lugares ela era venerada.

E contou...

E contou...

E sua fala me encantava.

Acalmava minha revolta interior e fazia com que eu desejasse compreender aquele perdão e aquele amor que iam no coração da Mãe de Jesus.

Foi quando algo se fez como uma luz de entendimento em meu íntimo.

Conseguir esta mudança, este renascer sozinho era muito difícil, talvez mesmo impossível.

Mas, se eu me deixasse guiar por este amor que Maria de Nazaré dedicava à humanidade, eu teria mais forças para conseguir o intento.

E é, filhinhos, esta compreensão que tive neste dia que guia as palavras que dedico a vocês nesta tarde de aprendizado bendito.

Ouso lhes afirmar que Maria de Nazaré estende o seu amor a todos aqueles que participam das tarefas desta casa de orações, encarnados e desencarnados.

Cada um de nós, se o desejarmos, poderemos sentir a influência bendita deste espírito que nos acompanha os passos e nos abençoa com o seu amor.

Que possamos, cada um de nós, sob a bênção deste amor, encontrar forças renovadas para empreendermos a jornada de transformação que necessitamos para nosso espírito, que é eterno, encontre a paz que também por toda a eternidade nos acompanhará.

Amadeus

Sir Geofrei e a conversão

05/08/2017

Amigos do meu coração.

Quando me propunha a preparar algum comentário em torno da lição que iríamos estudar nesta tarde, lembrei-me de um amigo espiritual que muito me ajudou, ao orientar meus pensamentos e minhas buscas na direção de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Enderecei a ele um pensamento em oração pedindo ajuda a ele, prontamente me atendeu e me deu permissão para lhes contar uma passagem de sua vida, para ajudar-nos no entendimento da lição.

Sob a sua bênção, vou narrar-lhes.

Enquanto Sir Geofrei se aproximava daquela ilha, seu coração se encontrava em um turbilhão de sentimentos contraditórios. Sua mente, já em desalinho, não conseguia mais coordenar os pensamentos de uma forma mais racional. Buscava ele algo que o ajudasse em seu mundo íntimo.

Quando viu a simplicidade do lugar lembrou-se das notícias que se espalhavam de boca a boca, dizendo que em Patmos as pessoas encontravam sempre um reconforto para seus desesperos, encontravam sempre um redirecionamento para suas esperanças.

Tentou observar para ver se o local fazia jus aos dizeres do povo.

Um senhor, vendo-o se aproximar, dirigiu-se a ele com um bom sorriso e lhe disse: *“Seja bem vindo, em nome de Jesus”*.

Sir Geofrei agradeceu com um gesto de cabeça, mas a sua atenção tinha sido despertada por uma senhora sentada perto da casa.

Ela olhava para os Céus como se o seu olhar se perdesse no horizonte, mas a sua figura veneranda cativava a atenção de Sir Geofrei, que não ousou se aproximar e nem se dirigiu a ela, tal o respeito que ela lhe inspirava.

Mas ela, se apercebendo da sua presença a conversar com João, dirigiu-lhe o olhar e, gentilmente, convidou: *“Venha, amigo. Venha sentar-se ao meu lado”*.

Como que atraído por um magnetismo desconhecido, em silêncio, Sir Geofrei se aproximou e sentou-se.

O silêncio se fez ainda maior.

Mas era um silêncio onde ouvia-se o cantar dos pássaros.

Era um silêncio onde ouvia-se a música do vento ao balançar as folhas das árvores.

Era um silêncio onde o Divino se aproximava da Terra.

Sir Geofrei não conseguia falar nada. Foi a Senhora que quebrou o silêncio e lhe falou:

“Muitas vezes vi as pessoas se aproximarem de meu filho com o coração e com o pensamento em torvelinho. E muitas vezes vi meu filho falar, amorosamente: “Vinde a mim, vós que estais aflitos e desconsolados, que Eu vos aliviarei”. Meu amigo, eu não tenho as palavras certas para amainar o seu desespero, mas tenho a certeza que meu filho as tem. De minha parte vou dirigir a Deus uma prece para que você o encontre e receba dele a orientação que tanto necessita”.

Silenciada as palavras, Sir Geofrei ainda não conseguia nem sequer agradecer, tal a emoção que tomava conta do seu coração.

Agradeceu ele apenas com um gesto e viu João se aproximar com um copo de água límpida para que ele tomasse.

Ainda sem conseguir falar uma palavra se retirou.

Meus amigos, este foi o dia que Sir Geofrei conheceu pessoalmente a Mãe Santíssima de Jesus e foi o dia, também, que ele iniciou sua busca pelos ensinamentos de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Jussara

[*Patmos* é uma pequena ilha grega do Dodecaneso, no Egeu Meridional, situada a 55 km da costa da Turquia, no Mar Egeu.]

Sir Geofrei e a necessidade essencial

12/08/2017

Quando Sir Geofrei cavalgava de retorno às suas terras, sozinho, seu pensamento ia muito à frente, com indagações sem respostas.

Como era possível conhecer os ensinamentos de Jesus se já tivera a notícia de que ele havia sido condenado à morte e executado, pelas leis do Império Romano, que regiam o mundo naquela época?

Como seria possível ir em busca dos ensinamentos de Jesus se suas terras eram distantes da Jerusalém e da Galileia, que foram os locais onde Jesus se fizera presente e ali, com certeza, poderia encontrar alguém que se lembrasse dele e de seus ensinamentos?

Como ele conseguiria encontrar os seguidores de Jesus se eles, após sua morte, se espalharam pelo mundo?

Não poderia ele ir atrás de algum dos seguidores de Jesus, caminhando a esmo.

Nem poderia permanecer em Patmos para continuar a ouvir a Mãe Santíssima e seu filho João. Pois se ficasse muito tempo afastado de suas terras, temia que, ao retornar, seu poder como senhor das terras estaria muito comprometido.

Dirigia seu cavalo para suas terras, mas seus pensamentos buscavam solucionar as questões que surgiam.

Com seu retorno, muita coisa mudou em suas terras.

Sempre pagara seus trabalhadores como o combinado antes das tarefas, mas agora, com o novo pensamento, ainda agradecia as tarefas executadas. Coisa que nunca fizera antes, pois julgava ser obrigação do trabalhador fazer suas tarefas direito.

No ambiente familiar, que trazia os problemas insolúveis que o levaram a buscar as orientações tão longe, também ali as mudanças se davam. Mesmo que não solucionando de vez os problemas e as mágoas, o respeito começou a surgir, ao menos no seu comportamento.

E Sir Geofrei continuava sempre a buscar uma forma de se aproximar dos ensinamentos de Jesus.

E, nesta busca, recebeu uma notícia alvissareira: Soube que algumas pessoas haviam anotado as palavras e ensinamentos de Jesus. E elas estavam sendo copiadas e espalhadas.

Com esta informação, buscou os comerciantes do deserto e que vinham nas proximidades de suas terras e ofereceu-se para comprar algumas destas cópias, se eles as tivessem. Mas foi infrutífera a sua oferta. Os comerciantes não conheciam este produto que ele queria comprar.

Sem se abater, continuou a indagar a respeito. E alguns de seus servos mais fiéis, que perceberam a mudança do seu senhor, o auxiliavam a buscar estas informações.

E um deles, um dia, o procurou, alegre, a dizer que ouvira falar de alguns peregrinos que tinham alguns manuscritos que diziam ser de Jesus de Nazaré.

Sir Geofrei foi pessoalmente ao encontro dos peregrinos e ao encontrá-los se ofereceu para comprar os manuscritos.

A resposta negativa veio de uma forma diferente: *“Meu amigo. Os ensinamentos do Mestre não são comercializáveis. Não há dinheiro nenhum no mundo que possa pagá-los. Mas nós podemos te dar gratuitamente se você realmente tem o desejo de estudá-los. Você os quer?”*

Sir Geofrei retornou ao lar carregando consigo o tesouro que recebera, com muita curiosidade em abri e ler.

Mas apenas o fez ao adentrar ao seu quarto e, com o isolamento do local, pode abrir em um texto e leu, como se estivesse ouvindo Jesus a lhe falar diretamente: *“Eu me vou, mas não vos deixarei órfãos. Não se turbe o vosso coração e nem se arreceie, pois estarei convosco todos os dias, até a consumação dos séculos”*.

Jussara

[Por curiosidade, foi perguntado à Jussara como Sir Geofrei era na espiritualidade. Uma pessoa que há dois mil anos tinha conhecido pessoalmente Maria de Nazaré, como se definiria hoje a sua pessoa?

Disse-nos ela que levou nossa pergunta a ele e a resposta foi:

Hoje eu me defino como um Irmão do Caminho.”]

Sir Geofrei e o despertar do sono

19/08/2017

Sir Geofrei, a partir daquele dia da primeira leitura dos ensinamentos de Jesus, criou um hábito diário.

Antes de iniciar o seu dia de atividades, lia uma ou duas frases das palavras que lhe tinham sido ofertadas pelo peregrino.

Tinha muita dificuldade de compreender os novos ensinamentos, então lia apenas uma ou duas frases e ficava a meditar no que tinha lido ao longo de todo o dia.

Como gostaria de ter ao seu lado um daqueles seguidores do Mestre que conheciam melhor o que Ele ensinava. Se isso ocorresse, teria Sir Geofrei alguém a quem perguntar sobre tudo o que sua compreensão não alcançava.

Mas o hábito criado foi mantido por longo tempo.

Todas as manhãs, lia uma ou duas frases e, sem prejuízo das atividades de direção das terras sob o seu poder, lembrava delas em todos os momentos e procurava entender, praticar e aplicar no seu dia.

Alguns servidores mais chegados a ele, depois de um tempo, começaram a participar da leitura de manhã. Seus familiares se afastavam, mas alguns dos serviçais se sentiam felizes com o que ouviam.

Foi assim até o dia em que seu filho, com quem há muito não conversava, apesar de viver sob o mesmo teto, lhe dirigiu a palavra:

“Senhor, não queiras que acreditemos que estas palavras têm um dom de reconduzir as pessoas ao caminho do bem. Conheço muito bem seu pensamento e não acredito que ele se modifique com algum sortilégio. Acredito mais que o Senhor está tramando alguma coisa para nos enganar novamente”.

Sir Geofrei, muito longe de se sentir ofendido com as palavras do filho, ficou muito feliz pela oportunidade única de reatar uma conversação há muito perdida no ambiente doméstico.

Meditou bem no que falar, para não deixar aquela oportunidade se perder.

“Meu filho. Se estivesse no seu lugar, conhecendo as minhas atitudes do passado, eu pensaria e falaria exatamente o que você falou. Ou muito mais. No entanto, conhecer os ensinamentos de Nosso Senhor Jesus Cristo pode trazer uma mudança até mesmo aos corações mais empedernidos, como o meu.

Para você compreender o que isso significa, é como se eu dormisse por um longo tempo e agora estivesse despertando.

O despertar doloroso de um espírito que descobre, aos poucos, que precisa recuperar um tempo perdido do passado. Mas que, em compensação, descobre que tem à sua frente um tempo eterno para conseguir essa recuperação. Dia após dia, frase a frase, atitude após atitude, espero conseguir reconquistar os corações que afastei do meu com minhas atitudes.

Principalmente aqueles corações que descobri que necessito amar com muito mais intensidade, como o seu, de suas irmãs e de sua mãe. Não espero que compreendas isso hoje, mas pedi a Maria, a Mãe Santíssima de Jesus, que me ajude nesta tarefa e ela me prometeu orar por mim, para que eu consiga, através dos ensinamentos de seu filho, fazer esta conquista.”

O filho de Sir Geofrei, que não esperava uma resposta neste tom,

pois se acostumara com as discussões e agressões que vinham de seu pai, se afastou em silêncio, sem responder uma palavra.

E Sir Geofrei, feliz por ter conseguido, depois de muito tempo, conversar com seu filho sem que isto levasse a uma discussão, também se recolheu a seu aposento endereçando um agradecimento a Jesus pela conquista do dia.

E nesta prece sentiu uma alegria muito grande, como um incentivo e um fortalecimento para a sua longa jornada de recuperar o amor e o respeito daqueles que conviviam ao seu lado.

Jussara

Sir Geofrei e o Círeneu

26/08/2017

Depois destes acontecimentos, Sir Geofrei, retornou a suas tarefas habituais.

Quando saía a campo para ordenar as tarefas nas terras que lhe pertenciam, havia muito respeito de todos os que o serviam. Suas decisões eram colocadas em prática até mesmo com certa alegria, pois todos conheciam o constante acerto de suas orientações.

Mas quando retornava ao ambiente doméstico, parecia-lhe que o peso da existência o afundava.

Dentro de casa não havia ele conseguido conquistar o respeito de sua família. Ninguém com ele conversava. Nem a esposa, nem o filho e nem as filhas, mesmo as pequenas.

Sua refeição era servida à parte, ou em uma sala diferente ou em horários diferentes dos demais.

Um pouco de consolo ele tinha apenas quando se recolhia ao seu quarto e se punha a ler uma ou duas frases das escrituras que havia ganho um dia. Mesmo não conseguindo compreendê-las bem, elas lhe consolavam o íntimo da alma.

Estes acontecimentos se repetiam, dia após dia, até que a pequena Meredith caiu doente.

A busca da cura da menina uniu marido e esposa, que colocaram

seus recursos para buscar a volta da saúde. Mas por um bom tempo isso foi em vão.

Ainda sem saber que recursos mais buscar, chegou às suas terras um viajante vindo não se sabe de onde.

Cansado, pedia um pouso para se recuperar e prosseguir viagem.

Faminto, pedia um alimento para recuperar as forças.

Sedento, pedia um pouco de água para matar a sede.

Sir Geofrei recebeu-o. encaminhou seu cavalo aos cuidados dos serviços e pediu que ele adentrasse ao seu lar.

De imediato, o viajante percebeu algo e indagou das dificuldades que eles estavam passando no momento.

Sir Geofrei e a esposa lhe falaram da menina doente e ele lhes pediu se poderia vê-la.

Foram ao quarto da pequena e o viajante pediu permissão para fazer uma oração.

A esposa de Sir Geofrei, sem saber do que se tratava, quis não autorizar, mas Sir Geofrei, que já conhecia o poder da oração através das suas leituras, mas que desconhecia isto em realidade, permitiu e ficou a observar.

O viajante pediu que Sir Geofrei e a esposa estendessem suas mãos em direção à menina e pediu a Jesus que trouxesse a saúde àquele corpo pequenino. Pediu a Jesus, que tinha ressuscitado Lázaro do túmulo, que trouxesse nova vida à doentinha.

E, como que por milagre, Meredith se recuperou, olhou para os pais, juntos e os abraçou, agradecendo.

Aquele dia trouxe mudanças no ambiente doméstico de Sir Geofrei.

Sua esposa e filha se interessaram por começar a conhecer as leituras que ele fazia sobre Jesus.

E o viajante, assim como o Cireneu que auxiliou Jesus a carregar a cruz, desapareceu logo a seguir, deixando atrás de si a gratidão daqueles a quem ele havia auxiliado.

Sir Geofrei e o madeiro seco

02/09/2017

Um período de calmaria se fez no lar de Sir Geofrei depois da cura de Meredith.

A reaproximação com a esposa e com as filhas.

As refeições da tarde feitas junto com elas.

As leituras diárias dos textos com a participação da esposa, de Meredith e, às vezes, com uma ou outra das irmãs.

Apenas pequena nuvem ainda se fazia no ambiente, pois o filho se afastara de vez do convívio íntimo.

Sir Geofrei confiava que, com um pouco mais de tempo iria conseguir a aproximação maior com ele.

Mas Sir Geofrei não percebia o que ia no íntimo do coração do filho.

Indignado por ter perdido o apoio da mãe nas rusgas que tinha com o pai, o jovem se revoltava e armava uma tempestade que viria após a calmaria.

O jovem procurou as autoridades designadas pelo Rei e levou a eles a notícia: seu pai havia perdido a lucidez de raciocínio, tinha ficado louco, e não reunia mais condições de dirigir as terras de sua propriedade. E isso iria se refletir no não pagamento dos impostos devidos à Coroa.

O intencional de suas narrativas levou as autoridades a reunir a soldadesca e se dirigir às terras de Sir Geofrei, poucas semanas após a cura de Meredith.

Não adiantaram as palavras da esposa em defesa do marido.

Não adiantaram as observações de que as terras estavam sob cuidados permanentes dos serviçais.

Não adiantaram os rogos da pequena Meredith que agora se apegara ao pai.

Sir Geofrei foi levado à prisão para que se pudessem fazer melhores averiguações das acusações do filho.

Ficou ele abandonado em uma cela por longos dias, antes de ser chamado a depor em sua defesa.

E, quando pode falar, percebeu que de nada adiantaria sua fala, pois os seus julgadores, por motivos que ele desconhecia, já tinham a condenação como certa.

A única discussão que seus acusadores tiveram foi sobre qual a pena a ser imposta.

A pena de morte foi descartada porque não havia, em realidade um crime cometido.

A prisão era reservada aos inimigos da Coroa Real e também este não era o caso.

Decidiram os julgadores mandá-lo para o Vale dos Leprosos, sob o raciocínio que a loucura era uma doença que necessitava de isolamento para não causar males a outras pessoas.

E as terras de Sir Geofrei foram, uma parte confiscada pela Coroa Real para ressarcimento das custas do julgamento. E a outra parte foi designada ao filho de Sir Geofrei, para que ele desse continuidade ao cultivo das mesmas.

E Sir Geofrei foi levado ao Vale dos Leprosos.

Sem mais o convívio com os familiares.

Sem mais os serviçais para servi-lo e auxiliá-lo.

Sem mais suas anotações dos ensinamentos de Jesus, que tanto desejava levar consigo.

Apenas levava consigo as lembranças das frases que lera diariamente.

E sua principal consolação encontrava na lembrança de que o Cristo fora levado à Cruz com todo o bem que fizera às pessoas.

E ele, que muito pouco fizera por alguém, estava também recebendo uma punição por ter se aproximado os ensinamentos do Mestre e iniciado, tão somente iniciado, a dedicar o seu coração e sua mente para compreender e viver estes ensinamentos.

Jussara

Sir Geofrei e o perdão

21/10/2017

O vale dos leprosos mais parecia uma extensa prisão do que um local para cuidar de doentes.

O extenso vale, cercado por extensas montanhas impediam a saída de quem ali estivesse.

Apenas duas entradas existiam, o que possibilitava que uns poucos guardiões impedissem quem dali quisesse sair.

Sir Geofrei logo percebeu também que poucos ali eram verdadeiramente acometidos pela doença. Estes formavam um grupo pequeno que se mantinham afastados, em pequenas casas construídas ao pé da montanha.

Os demais, em sua grande maioria, eram pessoas que foram afastadas do convívio familiar, por um motivo ou por outro, como era o caso dele mesmo.

O que imperava ali era o desânimo ou a revolta.

Muitos que ali se encontravam não se conformavam com a situação e extravasavam, cada um à sua maneira.

Sir Geofrei logo percebeu que também ele iria pelo mesmo caminho se desejasse, como o desejava, compreender os mecanismos que foram movimentados para que ele chegasse até ali. E também gostaria de saber quem foram as pessoas que movimentaram estes mecanismos.

A lembrança dos ensinamentos de Jesus o ajudaram a não enlouquecer nos primeiros dias.

Lembrava-se de Jesus curando os cegos e os paráliticos.

Lembrava-se de Jesus perdoadando os pecados e dizendo para as pessoas seguirem suas vidas sem mais pecar.

Lembrava-se de Jesus ensinando no alto da montanha, bendizendo os aflitos porque eles receberiam a consolação.

Mas a lembrança que mais o ajudou foi a de Jesus, na cruz, pedindo a Deus que perdoasse seus algozes porque eles não sabiam o que faziam.

Uma encruzilhada de comportamento se apresentou a Sir Geofrei.

Ou ele tentava entender tudo o que ocorrera e entrava num comportamento semelhante ao que via as pessoas ali, de desespero e de desejos de vingança.

Ou ele esquecia o passado com o perdão que Jesus ensinara e olhava para o futuro, buscando o que fazer para minorar um pouco o sofrimento que via.

A oração o fez se decidir pela segunda atitude.

Então observou o lugar com outro olhar, o olhar daquele Sir que sabia conduzir as tarefas dos servos para melhorar a produção das terras que um dia ele administrava.

Observou então que o local era um grande descampado com uma única fonte de água. E que a busca dessa água era feita quase em desespero pelas pessoas que ali estavam com um grande risco de um dia ela não mais ter água para oferecer.

Só havia um pouco de calma quando os leprosos vinham, todos juntos, buscar água na fonte. Pois nesta hora o medo de contágio afastava os outros para que eles se servissem.

Sir Geofrei pensou consigo mesmo: *“Se eu conseguir proteger a nascente, ela jorrará com mais abundância e as pessoas poderão se servir da água um pouco abaixo da nascente, sem causar prejuízos à fonte”*.

A dificuldade foi pôr em ação a ideia, pois ali poucos estavam com vontade de conversar e melhorar a convivência de uns com os outros.

Mas, quando tentou expor sua ideia, Sir Geofrei observou um rapaz que sorria e concordava com ele.

Quando conversaram, descobriu que já o conhecia, pois, um dia seus pais tinham visitado Sir Geofrei, ainda nos tempos da convivência social daqueles que possuíam terras e eram poderosos.

O jovem Jonathan falou-lhe que seus pais haviam falecido e que o irmão mais velho havia tramado para afastá-lo e ficar com todas as terras.

Decidiram trabalhar juntos, à noite, para materializar a proteção à fonte e assim o fizeram. E, no dia seguinte, apontavam a todos onde poderiam pegar a água, que jorrava pura e cristalina.

Assim se iniciou o período da existência em que Sir Geofrei ficou naquele Vale dos Imundos.

Jussara

Sir Geofrei e o paraíso

28/10/2017

Um elo de amizade uniu os corações de Sir Geofrei e de Jonathan a partir daquela noite.

Sir Geofrei viu no jovem o filho que gostaria de ter tido, que comun-gasse com suas ideias e sentimentos.

O jovem via em Sir Geofrei um pai, pela saudade que tinha de seu pai que tinha partido para a eternidade.

Ambos tentaram melhorar as condições daquele vale o quanto pude-ram. Algumas vezes tinham relativo sucesso, e outras nada conseguiram.

O que de melhor fizeram foi quando tiveram a ideia de guardar as sementes que vinham nas frutas que os populares deixavam às portas do vale para eles se alimentarem. Conseguiram reunir uma quantidade sufi-ciente para iniciar o plantio de um pomar.

Muitas dificuldades enfrentaram, principalmente quando as pequeni-nas árvores começaram a crescer. Mas conseguiram.

E um tempo depois o pomar era um local onde várias pessoas vi-nham descansar à sombra das árvores e se alimentar com os frutos que elas ofereciam.

E era ali que Sir Geofrei costumava falar às pessoas que queriam ou-vir, sobre os ensinamentos de Jesus que um dia ele tinha conhecido das leituras que fizera. E Jonathan sempre estava ao seu lado nestes momentos.

Apenas uma vez viu-se uma discordância entre os dois.

Foi quando Sir Geofrei desejou levar o que lera de Jesus até os leprosos. Jonathan lembrou-lhe do perigo do contágio da doença, mas Sir Geofrei, movido por um desejo interior que o consumia, se aproximou dos leprosos e descobriu ali ouvidos mais atentos, mais desejosos de receber a consolação que ele lhes levava.

Foi nesta tarefa que Sir Geofrei descobriu duas coisas interessantes.

A primeira foi quando percebeu que, falando aos mais infelizes, às vezes lhes falava de coisas que não conhecia, que não tinha lido. Nestas ocasiões se perguntava de onde tinham vindo aquelas palavras, aquele conhecimento que não possuía.

A outra ocorreu uma vez que estava a falar aos leprosos bem ao pé da montanha, onde lhes ficavam as casinhas. E pode ver, lá acima, a figura de Meredith. Parecia-lhe que ela tentava ver, mesmo à distância, onde ele se encontrava. Mas foi uma imagem fugidia, de alguns poucos minutos e Sir Geofrei nunca teve a certeza de ter sido uma visão real ou apenas sua imaginação a lhe pregar uma peça.

Como Jonathan previa, o contágio da doença alcançou Sir Geofrei. E alcançou com uma intensidade muito forte, pois em breves dias ele não mais conseguia caminhar, passando a habitar junto com os leprosos, separando-se em definitivo do convívio com aquele que gostava como a um filho.

E, num dia em que os se dirigiam, juntos, a buscar água, Sir Geofrei ficou acamado na casinha mais afastada ao pé da montanha.

Foi quando um moço adentrou à casinha e Sir Geofrei, espantado, lhe falou:

Meu amigo, você sabe onde está?

Sei sim. Aqui vim à sua procura.

Mas, aqui mora a lepra. Se você ficar por aqui, o contágio vai lhe trazer a doença para o corpo.

Eu não me preocupo com isto. Já de algum tempo não tenho mais a preocupação da doença tomar conta de meu corpo. Eu vim aqui pela sua busca constante dos ensinamentos do Amor Divino.

Sim. Busquei os ensinamentos de Jesus através dos escritos dos seus seguidores, mas confesso minha dificuldade de compreensão, pois muitos destes ensinamentos são para mim incompreensíveis.

E eu sei o porquê, meu amigo. Pois estes ensinamentos requerem tempo e trabalho para fazerem morada eterna em nossos espíritos. O tempo necessário para trabalharmos o nosso próprio coração para que a Verdade seja uma realidade em nossas vidas.

Mas, quem é você, que me fala desta forma? Como chegou até aqui?

Eu vim, enviado por minha mãe, que lhe prometeu orar para que você pudesse me encontrar e eu pudesse lhe ensinar tudo o que você quer aprender. Deseja caminhar para os novos aprendizados? E para as novas tarefas que virão ao seu encontro? Porque a caminhada eterna se faz com o trabalho eterno. Vamos?

E Sir Geofrei deixou o corpo físico, adoentado, e caminhou junto com aquele moço para os novos aprendizados e para as novas tarefas que iria encontrar em seu paraíso.

Jussara

Sir Geofrei e Maria de Nazaré

11/11/2017

Depois de um tempo passado no plano espiritual, já tendo compreendido que a vida verdadeira se sobrepõe à morte, Sir Geofrei manifestou o desejo de retornar às suas terras.

O desejo de saber o que havia acontecido após sua partida.

Obteve a permissão para a excursão, com duas condicionais:

A primeira era a de controlar suas emoções para não perder a oportunidade do aprendizado. E a outra era a de ser acompanhado de um benfeitor espiritual que poderia ajudá-lo em suas indagações e que tinha a responsabilidade de o retirar do local se ele não conseguisse controlar suas emoções.

E lá se foram os dois espíritos de retorno às terras que ele tanto conhecia, pois era onde tinha nascido e morado até de lá ser afastado pelas circunstâncias que não pudera evitar.

O primeiro lugar que visitaram foi se antigo lar. Lá onde seu filho agora habitava como o senhor do lar, posição que ele ocupara antigamente. Sua esposa e filhas não mais ali estavam. Apenas o filho e sua família, a esposa e os filhos.

Sentimento de tristeza se apoderou de Sir Geofrei, pois se aclararam para ele os motivos pelos quais o retiraram do lar. Antes que o sentimento de tristeza e mágoa crescesse em demasia, dirigiu o olhar ao benfeitor

espiritual que o acompanhava, com uma muda indagação, e ouviu de seus lábios?

“Perdoa-os pois eles não sabem o que fazem. Se soubessem o que você já sabe hoje sobre a continuidade da vida após a morte, não desejariam eles os tesouros da terra, mas batalhariam para conquistar os tesouros dos céus.”

Desejando deixar o ambiente, Sir Geofrei pediu que fosse levado às terras que lhe foram retiradas da família e entregues aos emissários do Rei. E lá viu um abandono muito grande, com o mato substituindo as árvores frutíferas de antigamente. As construções abandonadas e desmoronando.

Novamente a tristeza se fez em seu coração. E novamente pediu ajuda a seu benfeitor. E ouviu de seus lábios

“A cada um segundo suas obras. Aquele que semeia o bem irá colher o bem ao seu redor. Aqueles que semeiam o abandono das terras recebem da própria terra a prova do abandono. O mato que você observou é a resposta que recebem aqueles que abandonam as tarefas a que estão incumbidos.”

Sir Geofrei pediu então para ver as terras que estavam sob o comando de seu próprio filho, para poder comparar as situações.

Ali viu uma imagem um pouco melhorada. As terras estavam cultivadas, as casas estavam habitáveis. Mas, as pessoas que ali estavam demonstravam um sofrimento muito grande. Pode perceber que eles trabalhavam, trabalhavam e trabalhavam, mas muito pouco recebiam como recompensa. E a miserabilidade ali imperava. Sentiu um frio em seu coração, pois não era isso que desejara e fizera às pessoas quando estavam sob o seu comando.

Novamente dirigiu o olhar a seu benfeitor e ouviu de seus lábios:

“Apascenta as minhas ovelhas. Se já consegues compreender um pouco da necessidade das pessoas e já compreendes um pouco dos ensi-

nos do Cristo, ouça as palavras que Ele dirigiu a Pedro, pedindo que ele se colocasse em tarefa para espalhar a paz entre todos os que dela necessitam.”

Sir Geofrei compreendeu o valor sublime das orientações recebidas, mas se sentiu infinitamente pequeno para as colocar em prática.

Ajoelhou-se na própria terra, à frente de um casebre e orou em silêncio pedindo ajuda.

Viu-se transportado de imediato de volta à Ilha de Patmos, onde já estivera um dia.

Viu novamente Maria de Nazaré a convidá-lo a sentar-se ao lado dela.

Em silêncio interior, obedeceu à ordem e ouviu novamente o silêncio divino que se fazia ao redor.

Os pássaros e a brisa passando pelas árvores entoavam uma música maravilhosa que o fazia sentir o Divino se aproximando da terra.

Fechou os olhos para ouvir melhor a melodia e ouviu a voz de Maria a se dirigir a ele mesmo.

Meu amigo. Faça tudo o que meu Filho lhe pedir que faça. Tenha a certeza que ouvirá a Sua Voz no mais íntimo da tua alma, todas as vezes que você necessitar de orientações. Basta que O busque em ti mesmo e reconhecerás que Ele estará ao teu lado por toda a consumação dos séculos.

Jussara

Sir Geofrei

e as sementes do Evangelho

09/06/2018

Sir Geofrei, depois de visitar suas terras e tomar conhecimento de como elas ficaram após a sua passagem para o mundo espiritual, foi levado para o que ele considerou um local de descanso.

Um lugar próprio ao descanso e à meditação.

Com sua falta de conhecimento sobre a vida após a morte, começou a pensar, pensar e pensar.

O que fazer com essa nova situação de vida?

Seria mesmo dado o tempo do descanso? Por quanto tempo?

Habitado às tarefas do cultivo da terra não se via na inércia do nada ter a fazer.

Buscou aqueles que o conduziram até ali e indagou: *“Meu amigo. Não há tarefas a serem realizadas por aqui? Não posso colaborar de alguma maneira com alguma coisa?”*

O sorriso de seu interlocutor mostrou-lhe que havia feito a pergunta certa. Mas a resposta veio com informações inesperadas.

– *“Meu amigo. O que podes realizar agora? Teu tempo de aprendizados na vida terrena até que foi bem aproveitado, principalmente nas leituras dos ensinamentos do Mestre Jesus. Mas precisas conhecer melhor*

a realidade dos acontecimentos antes de se propor a trabalhar, assim como precisavas conhecer as sementes para saber como plantá-las. Vamos então conhecer melhor algumas outras comunidades.”

E encaminhou Sir Geofrei a um espírito e encarregou-o de que este fosse levado a uma reunião dos primeiros núcleos que se formavam dos caminheiros, como eram conhecidos os primeiros Cristãos.

E Sir Geofrei foi levado a um grupo que se reunia em uma casa.

Havia ali cerca de umas vintes pessoas e Sir Geofrei viu no rosto de cada uma um misto de medo e confiança.

Medo causado pelas primeiras perseguições que se fazia contra os que se reúnem, como eles, e, torno dos ensinamentos do carpinteiro de Nazaré.

Confiança infundida pelas notícias de que Jesus, após sua morte, havia aparecido a várias pessoas, provando que a morte não cessa a vida.

Um jovem, talvez de seus vinte e poucos anos, narrava com um brilho nos olhos e em todo o rosto as narrativas de encontros com Jesus, que corriam de boca em boca entre os caminheiros.

Sir Geofrei, compreendendo sua própria situação de estar vivo após a morte, também se emocionou com a narrativa do jovem e sentiu lágrimas a correrem pelo seu rosto, sem conseguir contê-las.

Após esta reunião, retornando ao amigo que o remetera ali, descreveu o que viu e perguntou-lhe novamente sobre futuras tarefas.

E ouviu:

– *“Meu amigo. As sementes do Evangelho já foram semeadas pelo Mestre Jesus.*

Cabe-nos agora, aos encarnados e aos desencarnados, preservá-las em nossos corações para que elas possam se transformar em árvores e dar os seus frutos.

Nós mesmos somos as terras da sementeira. Cabe-nos valorizar cada uma das sementes que recebemos. Esta é a tarefa, meu amigo, para o hoje e para o amanhã de nossas vidas.”

Jussara

Trizzia e a Senhora de Nazaré

13/01/2018

Ah... Minha mãe Santíssima.

Quantas vezes lhe pedi ajuda quando tratava das dores daqueles que estavam sob meus cuidados.

Quantas vezes vi o medicamento que tirava a dor sem efeito nenhum e erguia o meu pensamento a lhe pedir ajuda.

Nesta hora, Senhora, eu via as minhas mãos ficarem quentes como brasa e, não sabia o porquê, a dor daquele que estava no leito se acalmava.

Sabia eu que não era de mim nada que ajudasse tanto, mas sabia eu que a Sua presença nos cuidados fazia a diferença.

Por isso, Senhora, eu lhe pedia ajuda.

E hoje posso afirmar, meus amigos de caminhada, que em todos os momentos que pedi ajuda à Senhora de Nazaré, as respostas às minhas preces vieram de imediato.

É isso a fê?

É isso a crença?

Ou é isso apenas a constatação de que este espírito amigo zela por nós em todos os momentos de nossas vidas?

Trizzia

O casamento de Anabele

03/03/2018

Naquela noite festiva, quando Anabele se preparava para ser conduzida ao Salão de Baile, pela mão de seu pai, seu pensamento voltava-se ao passado, na recordação dos acontecimentos que a levaram até ali.

Pensava na sua infância, quando uma doença desconhecida pelos médicos paralisou suas pernas e ela não conseguia andar.

Lembrou-se de sua mãe e de sua ama de leite a rezarem, noite após noite, dia após dia, para que ela recuperasse o dom de andar.

Lembrou-se também do pequeno Francisco, seu companheiro de peraltices infantis sendo levado ao seu lado para lhe alegrar um pouco com sua presença.

Foi Francisco que perguntou à sua mãe.

Senhora, a senhora já pediu à Mãe Maria para que Ela cure Anabele?

Mãe Maria, Francisco? A quem você se refere?

À Mãe de Jesus, Senhora.

Sim, meu amiguinho. Já rezamos muito à Maria de Nazaré, a Jesus e a todos os santos.

E Ela não fez nada ainda?

Sorrindo da criança infantil que esperava um milagre imediato, coisa que a Senhora não mais acreditava. Ela respondeu:

Ela ajuda através da medicina, dos médicos e dos remédios. Mas parece que não estão sendo suficientes.

Francisco sentou-se ao lado da cama. Começou a olhar Anabele com emoção e as lágrimas começaram a escorrer pelo seu rosto.

Balbuciava palavras que ninguém ao lado conseguia ouvir.

Levantou-se, tomou de uma jarra de água que estava sobre a mesa, colocou em um copo e entregou a Anabele dizendo:

Tome esta água, minha amiga. Nela a Mãe de Jesus colocou o remédio que você precisa.

Ainda chorando foi embora deixando no quarto uma emoção diferente.

Mas naquele momento nada se modificou.

A água ficou ali ao lado de Anabele, que a tomou aos poucos.

Chegada a noite, o sono chegou e com o sono o sonho.

Anabele sonhou que caminhava ao encontro de uma senhora muito simpática que a aguardava com os braços abertos e um sorriso nos lábios.

E, no abraço que recebeu, Anabele sentiu-se fortalecida e ouviu o que ela lhe falou, no íntimo do seu pensamento.

Minha filha. Muitas tarefas te aguardam os dias. A formação de uma família, o recebimento dos filhos em teu ventre. Os cuidados que a riqueza material te proporciona. Mas em todo o tempo, minha filha, lembra-te que Deus te ampara cada passo de tua existência assim como Ele espera que ampires aqueles que te rodeiam os dias.

Emocionada com o sonho e com o abraço, Anabele despertou no leito e, incontinenti, se levantou e se dirigiu ao quarto de seus pais para levar-lhes a boa notícia e o abraço que tinha recebido.

Lembrando de tudo isso, Anabele caminhou, ao lado do pai, para o salão de baile onde se celebraria seu casamento.

Meu pensamento se dirigia a Maria de Nazaré

12/05/2018

Ah... Senhora de Nazaré, que nos ensinou a maternidade não só do filho que nasceu de seu ventre, mas de toda a humanidade.

Quantas preces precisei fazer pedindo a sua ajuda.

Quantos momentos de indecisão pelos quais precisei do seu amparo para encontrar a melhor solução.

Meus amigos, nas tarefas de trazer para o solo brasileiro aqueles que sofreram pela tirania da guerra.

Nas tarefas de encontrar um lar que recebesse os nossos amigos feridos na alma, para que recebessem o bálsamo do esquecimento.

Nas tarefas de falar aos futuros papais e mamães sobre a tarefa de receber em seu lar um de nossos tutelados.

Nestas tarefas, queridos amigos, meu pensamento se dirigia a Maria de Nazaré antes que meus lábios pronunciassem quaisquer palavras.

Buscava nela a mãe que ama a todos os seus filhos, a inspiração de como chegar ao coração daqueles que iriam, nos próximos anos, cuidar do soldado ferido, que caíra na batalha.

E posso dizer-lhes, queridos amigos, em nenhum momento eu fui desamparada.

Em todos os momentos que necessitei, uma inspiração diferente surgia em minha mente.

Mesmo nos momentos mais difíceis, o coração parecia falar por si mesmo, sem que eu mesma soubesse ou entendesse o que se passava.

E permanecemos ainda hoje nesta tarefa bendita de apagar a fogueira da exaltação dos sentimentos que a guerra nos trouxe.

Esta tarefa ainda leva tempo.

Mas, com certeza, a Senhora de Nazaré está atenta a todas as necessidades e atendendo a todos os pedidos que a ela são dirigidos.

Trizzia

Lembre-se de sorrir também com a alma

05/09/2018

Ah... Soldados do meu coração, que procuravam o socorro no hospital onde nos encontrávamos.

Quantas vezes sondei os seus corações e encontrei ali o desânimo de enfrentar as dificuldades que o dragão da guerra havia trazido às suas vidas.

Quantas vezes sondei as suas almas e encontrei ali a falta de esperança e a falta de ânimo de prosseguir.

Soldados queridos.

Nestes momentos desejava eu encontrar forças para ajudá-los mais e mais.

Era para mim mais fácil encontrar os remédios para aliviar as dores dos ferimentos do que encontrar alguma forma de aliviar as dores de suas almas.

E numa destas ocasiões também eu caí nas garras do desânimo. Neste dia busquei a capelinha que me amparava as angústias e lá orei, pedindo a Deus e a Maria de Nazaré que ajudassem.

Estava imersa em meus pensamentos e uma senhora colocou a mão

em meu ombro e falou:

- *Trizzia, por que este desânimo todo?*
- *Porque não sei o que fazer em favor de meus soldados feridos na alma.*
- *E o que você pode fazer por eles? Você já pensou nisso?*
- *Eu só posso lhes dar um sorriso e uma palavra. Mas isso não tem ajudado muito.*
- *Pois bem, querida amiga. Quando você for lhes dar um sorriso, lembre-se de sorrir também com a alma, não apenas com os seus lábios. E quando você for lhes dar uma palavra, busque em Deus a inspiração para que suas palavras sejam um bálsamo que alivie as dores.*
- *Como fazer isso?* – perguntei eu.
- *Lembrando-se que todos nós somos filhos do mesmo Pai Criador e que Ele nos protege em qualquer situação que nós estivermos. E, se você estiver em oração, estará em sintonia com o desejo de Deus para você naquele momento.*

Ouvi o que foi falado e estava a pensar no que poderia fazer de melhor, quando percebi que ela já não mais se encontrava ao meu lado. Percebi que era ela um destes espíritos bondosos que me amparavam quando eu buscava o socorro da capelinha.

E hoje, queridos amigos deste lar de orações, a tarefa é a mesma.

Soldados feridos na alma virão a esta casa de orações em busca de socorro. Encontrem em seus corações o sorriso da alma e as palavras que reerguem. E creiam que, nesta tarefa que lhes é confiada, espíritos amigos e bondosos estarão ao seu lado, como aquela senhora estava ao meu lado naquele dia.

Trizzia

Maria me mostrou o amor

19/09/2018

Meninos benditos da escola bendita de Nossa Senhora.

Não é tarde para o trabalho humanitário.

Não é preciso de muito esforço, apenas a boa vontade que carrega no coração.

Nestas linhas escrevo a misericórdia do Pai Criador em minha vida, tão miserável vista na opinião de muitos.

Nesta Terra vagava a minha alma, desde cedo problemas profundos em nosso lar, meu pai não comparecia e minha formosa mãe adoentada, foi cedo para o além.

Meu corpo se movia sobre a estrada, sentia sede e fome e a vergonha que eu carregava. Era visto como pobre e indigente, não podia falar para a vida: *“Me acolhe, me acolhe!”* – pois que ninguém escutava.

Desde cedo fui jogado para lá e para cá, não tinha lugar para ficar.

Fui convidado a partir, mas eu queria conhecer o mundo de outra forma, meu espírito queria conhecer a luz e o calor.

Sem esperança ainda orava, mas não acreditava que no dia do meu desencarne, ela estaria lá.

Nossa Senhora vinha me abraçar, vinha me ajudar, vinha trazer consolo.

Então eu vi o brilho. O brilho que tanto procurei e não achei.

Foi aí que eu vi que não havia como ter revolta ao mundo, porque Maria me mostrou o amor.

Jesus confia infinitamente na humanidade

22/09/2018

Meu filho

Adquira em seu coração a confiança de que Jesus ama a toda a humanidade, indistintamente.

Adquira a certeza de que Jesus confia na humanidade infinitamente.

Pois esta confiança e esta certeza nos são transmitidas na espiritualidade em todos os momentos em que nos reunimos para os estudos e para as tarefas.

Dizem os nossos superiores que esta confiança e esta certeza foram ouvidas dos lábios da Mãe de Jesus, Maria de Nazaré, com o pedido de que fosse transmitida de coração a coração por todos que compreendessem as suas palavras.

Padre Josefo

A rosa de Maria

06/10/2018

A rosa leva o remédio
Que alivia o coração.
O alívio vem de Maria,
Pois Maria também foi mãe
E ninguém como ela sabe entender
A dor de outra mãe.

O coração de Maria

pede passagem

10/10/2018

O coração de Maria pede passagem.
Pede passagem para trazer o Amor ao mundo.
Pede passagem para espalhar o Bem.
Pede passagem para trazer amparo.
Pede passagem para levar alívio.
Pede passagem para ensinar o perdão.
Pede passagem para pedir resignação.
Pede passagem para curar feridas.
Pede passagem para acalentar os corações.
Pede passagem para fazer a vontade de Deus,
dizendo “Eis-me aqui, Senhor!”.
Pede passagem para dizer:
Isso também passa...

Maria Amor,
Maria Bem,
Maria amparo,
Maria alívio,
Maria perdão,
Maria resignação,
Maria cura,
Maria acalento,
Maria aceitação.
Maria, mãe de Jesus,
que veio trazer a esperança ao mundo.
Seu coração pede passagem
para gestar o Cristo em nós.
Bendita sejas, Mãe Maria,
hoje todos nós somos seus filhos.



Grupo Espírita Cristão Irmãos do Caminho



Valdir Taffarello
(Organizador)



Pai Tomé
(1983-1989)

Valdir Taffarello
(Organizador)



Pai Tomé
(1990-1999)

Valdir Taffarello
(Organizador)



Pai Tomé
(2000-2009)

Valdir Taffarello
(Organizador)



Pai Tomé
(2010-2017)

Valdir Taffarello
(Organizador)



**Mensagens
de Amadeus**

Grupo Espírita Cristão
Irmãos do Caminho



Grupo Espírita Cristão
Irmãos do Caminho

*Amai-vos
uns aos outros como
Eu vos amei.
(Jesus)*

**Grupo Espírita Cristão
Irmãos do Caminho**

Fundado em 17/04/1976
Rua Francisco Carrilho, 363
Jardim Florestal
Jundiaí / SP
CEP 13.215.670

*Amo-te, filho meu, amo-te e quero ver-te,
de novo, a vida maravilhosamente revestida
de paz e luz, de fé e elevação.*

(Maria de Nazaré)

*Céus!... Eu vira a Nossa Mãe e não sabia.
Era sim, Nossa Mãe, Mãe de Jesus!...*

(Cornélio Pires)

*Diga às pessoas que meu Filho ama
e confia infinitamente na humanidade.
Conte isso a eles, pois muitos não sabem disso.*

(Maria de Nazaré)

ISBN: 978-85-7899-821-9



editorainhouse

www.editorainhouse.com.br